



CAMARÃO-DA-AMAZÔNIA



A ciência prepara uma iguaria brasileira

Centro de Aqüicultura coordena programa para promover criação e consumo de crustáceo nativo

Págs. 8 e 9

Mudanças da Pequena Notável

Pesquisa mostra como Carmen Miranda representou o exotismo latino-americano nos EUA

Pág. 16



Arquivo Museu Carmen Miranda/Agência Estado

Falta de sonhos pode estimular agressividade

Pág. 7

Censo quantifica desequilíbrio ambiental na Ilha Anchieta

Pág. 4



Wendell Marques/Falha Imagem

A grande lição do annus mirabilis

VICENTE PLEITEZ E GEORGE MATSAS

Estamos em plena comemoração do centênario do annus mirabilis, ou ano milagroso se preferirem, de 1905, quando Einstein publicou três trabalhos espetaculares (isso sem incluir o artigo onde ele introduz a famosa fórmula $E=mc^2$). Um desses trabalhos ficaria mais tarde associado à Teoria da Relatividade Especial. É tempo de comemorar e refletir.

As motivações de Einstein sempre se restringiram a entender melhor o Universo em que vivemos. Não consta que ele tivesse alguma preocupação com as aplicações "práticas" de suas descobertas. Num mundo em que ecoam pelos becos vozes anunciando que "ciência aplicada é fonte de riqueza, enquanto ciência básica é motivo de prejuízo", vale perguntar: o modo de pensar de Einstein tornou-se démodé?!

Em geral, as críticas à ciência básica não são feitas diretamente, mas por meio de questionamentos do tipo: "Afinal, num mundo com tantas carências, precisamos mesmo de ciência básica?" **Sim**, é a resposta. **Incrédulo? Então, vamos aos fatos.**

Einstein propôs a teoria da emissão estimulada da luz em 1917. Naquela época, ninguém, nem mesmo ele, podia imaginar que uns 40 anos mais tarde ela seria essencial para a construção do primeiro laser, que, hoje, não só permite que nos deliciemos com nossos CDs, mas também salva vidas.

Por falar nisso, os modernos chips de computadores, rápidos e confiáveis, não existiriam se não fosse a Mecânica Quântica. Quanto saberiam dizer o que é a Mecânica Quântica? Poucos, sem dúvida, mas o fato é que, nascida da curiosidade de físicos teóricos, Einstein inclusive, que queriam entender os fenômenos submicroscópicos, ela movimenta hoje uma parte significativa do produto interno bruto mundial. A curiosidade pode ter matado o gato, mas neste caso tem salvado vidas com aparelhos de ressonância magnética, tomografias computadorizadas e assim por diante. E justiça seja feita aos



Movimento 1, Wasily Kandinsky

matemáticos puros: se hoje temos computadores, é também graças aos avanços da lógica matemática.

E quanto à Relatividade, o outro pilar da física moderna, cujo centênario comemoramos neste ano? Teria ela alguma "utilidade"? Teria ela trazido um único benefício? A resposta novamente é um positivo **Sim!** O sistema GPS (Sistema Global de Posicionamento), para citar apenas um exemplo, não funcionaria sem as equações de Einstein. Quem poderia imaginar que esse aparelhinho seria inútil sem as correções providas das teorias que descrevem o espaço-tempo? Vale a pena lembrar, toda vez que pegarmos um

avião, que nossa segurança em parte depende da Relatividade.

E há muito mais: sem a energia nuclear, vários países teriam literalmente apagado. Contudo, não foi pensando em resolver o problema energético do mundo que Einstein propôs sua famosa fórmula $E=mc^2$. Ainda mais uma vez, sua preocupação era "apenas" a de entender a natureza. A lista é interminável...

O fato é que grandes avanços tecnológicos são, em geral devidos a grandes descobertas teóricas, e grandes descobertas teóricas simplesmente não são encomendadas. Não se trata de os governantes e legisladores reconhecerem que, se

não fossem as descobertas de cientistas dedicados a "apenas" entender a natureza, as bolsas de valores estariam negociando hoje ações de arcs e flechas, mas de se usar esse conhecimento no planejamento estratégico futuro. Não reconhecer isso é institucionalizar a miopia e comprometer nosso futuro. Por mais que se reconheça que a receita nacional é um cobertor curto, não é admissível que um país com o porte do Brasil, com seus quase 200 milhões de habitantes, não tenha um único prêmio Nobel, ou é?

Se nosso objetivo fosse apenas o de tentar cativar corações e mentes sobre a importância da ciência básica, talvez pudéssemos encerrar aqui este artigo; mas há mais um ponto que gostaríamos de enfatizar para os imediatistas radicais que insistem em condenar a ciência básica por aquelas descobertas que (ainda) não trouxeram dividendos tecnológicos.

Acontece que as descobertas científicas possuem um valor que vai muito além de suas implicações tecnológicas. A descoberta de que o Universo está se expandindo, por exemplo, talvez nunca mitigue a fome ou a miséria dos povos, mas ainda assim ela nos lembra que uma espécie que chegou tão longe tem uma responsabilidade que transcende sua simples autopreservação e deveria zelar com mais empenho por sua dignidade e decência.

Sim, o Universo está se expandindo e há pouco mais de 10 bilhões de anos ele era uma sopa cósmica incrivelmente quente de partículas elementares. Nós somos a única espécie sobre a superfície da Terra que sabe disso e de muitas outras coisas. Alguns chamam isso de evolução, nós o chamamos de milagre. Um milagre que nos foi concedido independentemente de atos de fé. Sr. Mercado, por mais piegas que possa parecer, dinheiro não é tudo!

Vicente Pleitez e George Matsas são, respectivamente, professores titular e livre-docente no Instituto de Física Teórica (IFT) da UNESP.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
 Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
 Pró-reitor de Administração: Júlio Cezar Durigan
 Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
 Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
 Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
 Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
 Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
 Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
 Assessoria de Informática: Milton Hirozaku Shimabukuro
 Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
 Assessoria de Relações Externas: Gervásio Henrique Béchara
 Diretores das Unidades Universitárias: Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araraquara), Rosemary Adriana Chiérici Marcantonio (FO-Araraquara), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araraquara), Maysa Furlan (IQ-Araraquara), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), José Brás Barreto de Oliveira (FC-Bauru), Lauro Henrique Mello Chueiri (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Pasqual Barretti - pro tempore (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-

Botucatu), Hélio Borghi (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Vicente Lopes Júnior (FE-Ilha Solteira), Roberval Daiton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), Neri Alves (FCT-Presidente Prudente), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Johnny Rizzieri Olivieri (Ibílce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos) e João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo).
 Coordenadores executivos das Unidades Diferenciadas: José Antonio Marques (Dracena), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), João Lima Santana Neto (Ourinhos), Sérgio Hugo Benez (Registro), Messias Meneguette Junior (Rosana), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba/Iperó) e Elias José Simon (Tupã).



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
 RESPEITO POR VOCÊ

Governador: Geraldo Alckmin

SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA,
 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E TURISMO
 Secretário: João Carlos de Souza Meirelles

Jornal unesp

Assessor-chefe: Maurício Tuffani
 Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
 Editor: André Louzas
 Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
 Fotografia: Regina Agrella
 Programação Visual: J&I Artes Gráficas
 Colaboraram nesta edição: André Willik Valenti, Daniele Frederico, Silvío Garcia Manoel (fotografia); e Ricardo Dias da Costa (texto e fotografias)
 Produção: Mara Regina Marcato
 Revisão: Maria Luiza Simões
 Versão on-line: Priscila Beatriz Alves Andreghetto
 Tiragem: 15.000 exemplares
 Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
 Endereço: Alameda Santos, 647, 4º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone 11-3252-0323. Fax: 11-3252-0207.
 E-mail para contato com a ACI e para a solicitação de alteração de mala direta: aci@reitoria.unesp.br
 Home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
 Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

MICROBIOLOGIA

Agente natural de limpeza

Detergente produzido a partir de bactéria pode recuperar áreas poluídas por petróleo

Vazamentos de petróleo ou de seus derivados foram responsáveis por alguns dos principais desastres ecológicos do País. Uma pesquisa em andamento no Laboratório de Microbiologia Industrial do Instituto de Biociências (IB), *campus* da UNESP de Rio Claro, poderá resultar em uma nova opção de recuperação ambiental após esses acidentes, utilizando um produto natural. Trata-se de um detergente biológico – também chamado de biossurfatante ou biotensoativo – produzido pela bactéria *Pseudomonas aeruginosa*, encontrada em solos e águas poluídos.

Para sobreviver, a bactéria utiliza o carbono existente no petróleo e outros produtos e, a fim de chegar a sua “fonte de alimento”, produz a substância biossurfatante. Em estudos sob a coordenação de Jonas Contiero, professor do Departamento de Bioquímica e Microbiologia do IB, o produto mostrou-se capaz de remover petróleo de amostras de areia e solo contaminados.

Os detergentes utilizados comercialmente são obtidos por síntese química e não se degradam, poluindo a natureza. Os biossurfatantes despertam interesse dos pesquisadores por serem biodegradáveis e não-tóxicos, características cada vez mais valorizadas com a crescente atenção dada à preservação do meio ambiente.

Apesar das vantagens, os biossurfatantes ainda não são fabricados em larga escala no Brasil, devido aos altos custos de produção. “Uma solução econômica é reutilizar resíduos ricos em nutrientes, descartados pela indústria, como ‘alimento’ mais barato para as bactérias”, propõe Contiero. “Assim, é possível reduzir em até 40% o preço do produto final.”

Os resíduos escolhidos para o trabalho são subprodutos do processo de fabricação de óleos vegetais, como soja, milho, palma, babaçu e algodão. Uma das responsáveis pelo projeto, a pesquisadora Márcia Nitschke estima que entre 2% e 3% do total de óleo produzido no País é descartado na forma de borra oleosa. “Esse resíduo ainda contém quantidades suficientes de óleo, que podem servir como nutriente

para o microrganismo sintetizar o biossurfatante, transformando uma sobra descartável em um produto nobre”, afirma.

Contiero assinala que as bactérias produtoras de biossurfatantes também podem ser usadas na descontaminação de solos e águas afetados por poluentes como querosene, gasolina e óleo diesel. As substâncias são utilizadas, ainda, na recuperação do óleo bruto aderido às rochas durante o processo de extração, melhorando, assim, a retirada do produto. Além disso, seu uso é comum em diversos segmentos da indústria alimentícia, farmacêutica e cosmética, enquanto agentes formadores de emulsões. “Esses compostos também demonstraram

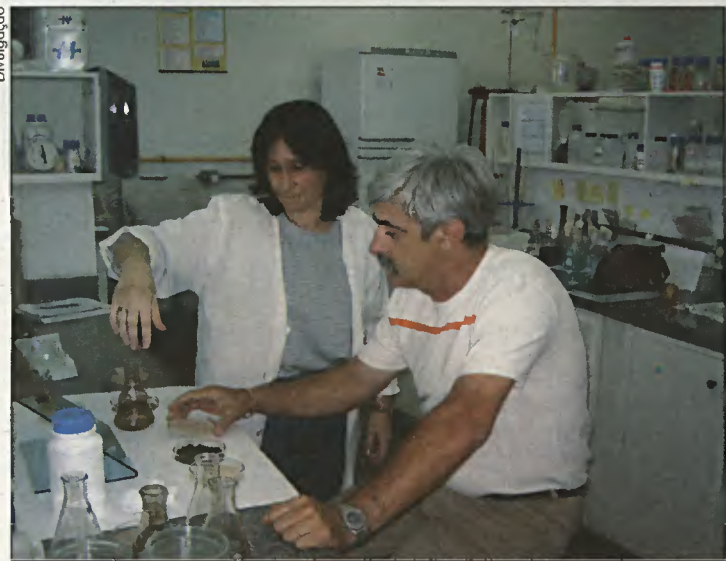
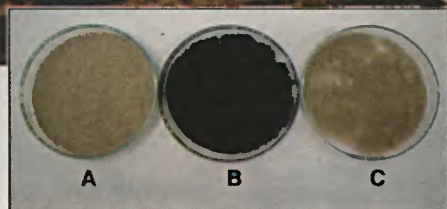
atividades antibióticas, inibindo o desenvolvimento de bactérias e fungos”, comenta o pesquisador.

Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o estudo atualmente está na fase de análise das estruturas químicas dos biossurfatantes produzidos nos diferentes resíduos de óleos vegetais. “Dessa forma, poderemos relacionar a composição inicial do óleo com a estrutura e as características do produto obtido”, esclarece Contiero. Segundo ele, já se iniciaram também as pesquisas para produção em maior escala do biossurfatante, por meio de fermentadores.

Julio Zanella



Praia poluída com óleo e, ao lado, três amostras da pesquisa: A - areia comum; B - areia com petróleo; C - areia tratada com biossurfatante



Contiero e Márcia: em busca de alternativa de baixo custo

ENGENHARIA MADEIREIRA

Por dentro dos segredos do pínus

Estudo sobre vegetal orientará utilização industrial

No Brasil, poucas são as pesquisas sobre as características e a qualidade da madeira de pínus, apesar de sua crescente utilização em reflorestamentos promovidos pela indústria madeireira. As estimativas indicam que, do volume de madeira serrada no País, estimado em aproximadamente 22 milhões de m³, mais de 35% é formado por essa espécie de árvore. Os estudos existentes são em geral orientados para as necessidades do setor de papel e celulose e, portanto, pouco aplicáveis à produção de móveis, pisos e paredes.

Uma das novidades nesse campo é a pesquisa desenvolvida por professores da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) da UNESP, *campus* de Botucatu. O trabalho envolve o levantamento dos dados básicos da espécie *Pinus taeda*, a mais comum em território brasileiro, para que ela seja melhor aproveitada pelas indústrias. “O uso inadequado da madeira pode causar defeitos nos produtos, tais como trincamento e deformações, que são os problemas mais frequentes” argumenta o coordenador da pesquisa, o engenheiro madeireiro Hernando Alfonso Lara Palma, do Departamento de Recursos Naturais da FCA.

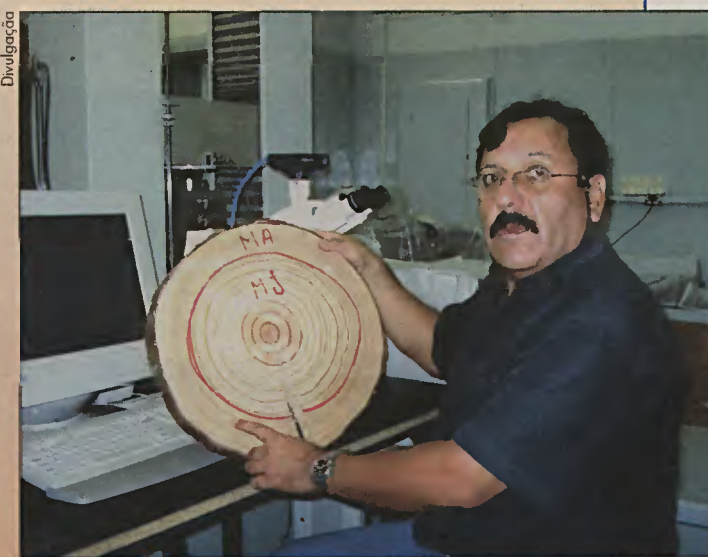
O grupo analisou as propriedades dessa espécie de pínus, avaliando aspectos como densidade – que aumenta o grau de resistência do material – e compri-

mento das fibras, isto é, das células que compõem o tronco da árvore. “O melhor conhecimento dessas fibras permite avaliar o potencial de uso da matéria-prima, por exemplo, para fabricação de celulose ou de móveis”, comenta Lara Palma.

Devido ao rápido crescimento, principalmente em regiões de clima tropical e subtropical – como é o caso brasileiro –, esses vegetais produzem uma madeira que, na área central do tronco, tem características diferentes da produzida na região externa. “A madeira obtida na parte central, chamada de juvenil, apresenta forma cilíndrica, com diâmetro aproximadamente uniforme, desde a base até o topo da árvore”, explica o docente.

De forma geral, ela caracteriza-se por traços como densidade, conteúdo de celulose e resistência menores, em comparação com a madeira mais externa, ou seja, a denominada adulta. Tais características resultam numa matéria-prima com propriedades inferiores, que afetam principalmente a resistência e a estabilidade dimensional (ou seja, as propriedades de retração e “inchamento” da madeira) dos produtos que a utilizam.

Os resultados do projeto, realizado entre 2002 e 2004, foram apresentados em dois congressos internacionais e os pesquisadores pretendem dar continuidade a suas atividades. “Temos informações que permi-



Lara Palma: melhor conhecimento determina uso

tem outros estudos físicos e mecânicos da madeira”, diz Lara Palma. Ele ressalta que já foram iniciados trabalhos de campo, por meio de parcerias com indústrias do setor. Segundo o pesquisador, as investigações já concluídas também servirão de ponto de partida para projetos com outras espécies provenientes de reflorestamentos.

ECOLOGIA

Censo quantifica desequilíbrio ambiental na Ilha Anchieta

Pesquisa analisa expansão descontrolada de mamíferos introduzidos há 22 anos

F feita há 22 anos com o objetivo de promover o equilíbrio ecológico, a introdução de animais no Parque Estadual da Ilha Anchieta, próximo a Ubatuba, no litoral paulista, acabou por desencadear novos problemas ambientais. O fenômeno foi constatado durante uma das etapas do censo populacional de animais da Mata Atlântica paulista, desenvolvido por pesquisadores e alunos do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências (IB), *campus* da UNESP de Rio Claro (veja quadro).

Depois de abrigar por décadas um presídio que degradou a fauna e a flora local, a ilha recebeu, em 1983, 95 mamíferos de 14 espécies do Zoológico de São Paulo, como parte de um plano de recuperação ambiental. Apesar dos alertas de ecologistas, o governo estadual autorizou a iniciativa.

Alguns dos animais introduzidos extinguíram-se naturalmente, como veados, bichos-preguiça e ratões-dobanhado. Outros mantiveram um contingente estável, como os macacos-prego, cujo contingente gira em torno de 30 indivíduos. No entanto, algumas espécies reproduziram-se assustadoramente: as oito cutias

são hoje cerca de mil, os cinco sagüis somam 900, os treze quatis multiplicaram-se para 200 e os cinco tatus aumentaram para cem, enquanto os descendentes das sete capivaras já chegam a 250. "A concentração de sagüis na ilha é seis vezes superior ao maior índice encontrado em outros pontos da Mata Atlântica, enquanto a de cutias chega a ser oito vezes maior", compara o coordenador do estudo, o biólogo Mauro Galetti, docente do IB.

O autor do trabalho na ilha, Ricardo Siqueira Bovendorp, terceiranista do

curso de Ecologia, enfatiza as consequências dessa mudança. "Os sagüis, quatis e gambás afetam a reprodução de aves, por consumirem seus ovos", adverte. "Hoje, a ilha tem 82 espécies de aves e estimamos que deveria ter pelo menos 200", acrescenta Galetti. Como predadores, os quatis também levaram à extinção de pequenos roedores silvestres que serviam de alimento para cobras como a jararaca, que apresentam problemas como redução populacional e nanismo.

A vegetação também sofre com o desequilíbrio. As capivaras elegeram as bromélias como alimento preferido, afetando a população dessas plantas, e as cutias, por se alimentar de sementes, dificultam a recuperação de áreas desmatadas. "É urgente a realização de um

manejo da fauna dessa ilha para restabelecer a biodiversidade local", alerta Bovendorp.

Galetti sugere a remoção total de algumas espécies, como capivaras e sagüis, e parte da população de quatis e cutias, alternativa que, segundo ele, é cara e bastante. Outra opção seria a introdução de um animal predador dessas espécies, como jaguatiricas do mesmo sexo.

Nesse caso, segundo o docente, o risco é que esses felinos ataquem as aves, o que agravaria a situação.

Para o biólogo, também é necessário plantar espécies nativas de vegetais que foram extintas ou são atualmente raras, como canelas, bicufbas e araçás. "A situação da ilha Anchieta mostra como o manejo e a conservação da fauna da Mata Atlântica requerem amplo esforço dos órgãos ambientais, universidades e ONGs", conclui.

Julio Zanella



Galetti (esq.) e Bovendorp: há solução



Capivaras em praia da ilha: população cresceu de 7 para 250 animais

Parque aguarda conclusões de pesquisa

Técnico comenta a introdução de espécies sem estudo prévio

O engenheiro agrônomo Manoel Fontes, responsável pelo Parque da Ilha Anchieta – que é ligado à Secretaria Estadual do Meio Ambiente –, reconhece que foi um erro a introdução de espécies de animais silvestres, em 1983, como iniciativa de recuperação ambiental.

"Na época, não havia estudos suficientes para se prever que essa medida poderia causar um desequilíbrio ambiental, como hoje se constata", diz. "Apenas em 2002 foi aprovada a lei do Sistema Nacional de Unidade de Conservação, que proíbe a introdução de qualquer espécie de fauna e da flora em parques, florestas e áreas de proteção ambiental, sem estudos prévios de impacto", acrescenta.

Fontes nega, porém, que a biodiversidade da ilha sofra efeitos muito sérios devido à superpopulação de algumas espécies. "O que ocorre é uma maior reprodução de alguns animais quando a oferta de alimentos aumenta em certos períodos do ano", argumenta. O engenheiro afirma que espera os resultados mais conclusivos do trabalho da equipe da UNESP sobre o desequilíbrio provocado pela superpopulação de mamíferos para, então, decidir sobre as medidas a serem adotadas. (JZ)

Programa avalia biodiversidade paulista

Fapesp promove levantamento de 15 mamíferos e aves

O censo populacional desenvolvido por pesquisadores e estudantes do Departamento de Ecologia do IB da UNESP promove um levantamento numérico de 15 espécies de aves e mamíferos de grande porte de todas as florestas da área paulista da Mata Atlântica. O estudo faz parte do Programa de Pesquisas em Caracterização, Conservação e Uso Sustentável da Biodiversidade do Estado de São Paulo, o Biota-Fapesp, que foi criado em 1999.

Em dois anos de estudo, já foram percorridos mais de 1.300 km de nove parques no Estado, entre eles os da Juréia, Ilha do Cardoso, Ilha Anchieta, Ilhabela, Jurupará (localizado nos municípios de Piedade e Ibiúna) e três áreas da Serra do Mar. As informações foram comparadas também com outros pontos da Mata Atlântica onde houve censos semelhantes, no Espírito Santo e Interior paulista.

Além da contagem por observação direta, os pesquisadores utilizam câmeras fotográficas que disparam na presença de animais e levam em conta, ainda, as pegadas e outros sinais deixados pelos bichos. Os números finais não estão prontos, mas os primeiros dados indicam que, entre as espécies ameaçadas de extinção, estão onça-parda, queixada, macaco-prego, mico, mono-carvoeiro, veado, porco-do-mato e jacutinga. "Registros de caçadores e naturalistas mostram que esses animais existiam em abundância, há 40 anos", comenta Galetti.

Para o biólogo, a extinção ou diminuição da população de algumas espécies da fauna pode também alterar a própria vegetação. Ele cita estudos que indicam que entre 75% e 90% das árvores da Mata Atlântica produzem frutos cujas sementes são dispersas por animais. "A extinção da fauna desencadeia uma mudança gradual na estrutura da floresta, favorecendo apenas as espécies dispersas pelo vento ou pela água", conclui.

Galetti destaca, ainda, o efeito do desmatamento sobre a fauna típica da Mata Atlântica. Ele assinala o caso do palmito-juçara, um vegetal cada vez mais extraído nessa floresta e cuja diminuição afeta cerca de 30 espécies de aves e 15 de mamíferos que se alimentam dos seus frutos. (JZ)



Ilha Anchieta: espécies de mamíferos foram introduzidas em 1983



Aprender brincando

Grupo estimula atividade lúdica no processo de aprendizagem infantil

Muito mais do que proporcionar diversão e passatempo, os jogos infantis como pega-pega, esconde-esconde e amarelinha, entre outros, podem ajudar a desenvolver, nas crianças, a linguagem, a motricidade, a socialização, a concentração e a memória. Quem garante é José Milton de Lima, docente do curso de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da UNESP, *campus* de Presidente Prudente.

Lima coordena, desde 2002, um grupo de pesquisa e projetos de extensão que visa incentivar e ampliar a utilização de jogos e brincadeiras infantis por profissionais de educação nas escolas de Ensino Fundamental e de Educação Infantil. "Há ainda uma lacuna no processo de formação dos licenciados de Educação Física para esta fase da vida escolar das crianças", observa.

Segundo o docente, as brincadeiras de criança, apagadas pelo tempo e pela antecipação da escolarização na Educação Infantil, são hoje muitas vezes tratadas apenas como atividades secundárias e prescindíveis. "Sabemos que elas podem ser algo muito mais sério", ressalta Lima, que acaba de reunir em um CD-ROM subsídios teóricos e atividades práticas dos projetos de extensão. "Brincando no lar" e "Andarilho da alegria" são trabalhos que podem ser utilizados em instituições educacionais que atendem crianças de até 10 anos (veja quadro).

O projeto "Brincando no lar", financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex), está sendo colocado em prática no Centro de Educação Infantil São Vicente Pallotti, ligado ao Lar dos Meninos, em Presidente Prudente, envolvendo cerca de 120 crianças e 20 educadoras. Durante três horas semanais, um aluno bolsista Fapesp, uma bolsista do projeto e mais duas alunas colaboradoras do curso de Educação Física organizam e planejam brincadeiras, utilizando materiais que fazem parte da brinquedoteca montada pela própria equipe.

As brincadeiras são direcionadas conforme a idade e o nível de desenvolvimento dos alunos. Lima ressalta



Crianças e um brinquedo da equipe: ajuda no desenvolvimento físico, mental e afetivo

Foto: Regina Agriella

de regras simples, que auxiliam o desenvolvimento infantil nos aspectos afetivo, motor, cognitivo, moral e social. "O jogo, por ser uma atividade regrada e de natureza complementar, realizada num contexto de conflitos, requer negociação, acordos, socialização e questionamentos", explica.

Para a assistente social, coordenadora e diretora da creche, Maria Helena Silvestre, o resultado do trabalho tem sido excelente para o ensino das crianças e a formação continuada das educadoras. "São atividades que dão prazer às crianças e ao mesmo tempo estimulam o aprendizado e o desenvolvimento", afirma.

A aluna de Educação Física Helena Cristina Pedrosa, bolsista do projeto do segundo ano, diz que pretende seguir trabalhando com crianças depois de formada. Já a sua colega Milena da Silva Adelaide considera mais complicado trabalhar com o público infantil,

"porém mais desafiador e gostoso". "Esse trabalho abre um novo horizonte para nós", acrescenta a estudante Izabele Valério.

Julio Zanella

que os jogos com objetos que demandam a capacidade sensório-motora são mais adequados para crianças até dois anos. Já para as crianças de quatro a seis anos, a proposta é reunir brincadeiras de imaginação e jogos

Arsenal pedagógico amplo

Projeto inclui literatura infantil e artes no ensino

Além das brincadeiras infantis, um outro projeto, desenvolvido por José Milton de Lima, professor do Departamento de Educação Física da FCT, introduz literatura infantil e arte no processo de ensino e aprendizagem da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. "Partimos do pressuposto de que a literatura infantil, o jogo e a arte são fundamentais para o desenvolvimento de faculdades humanas na infância", diz o docente, coordenador do projeto "Andarilho da Alegria".

O projeto envolve um ônibus adaptado à prática de atividades lúdicas e equipado com baús, prateleiras, palco, jogos, livros, objetos e materiais diversos, que percorre escolas da rede municipal de ensino da cidade de Álvares Machado, próxima a Presidente Prudente, atingindo um total de 120 professores e 2 mil alunos. O trabalho teve a colaboração de Renata Junqueira de Souza, docente do Programa de Pós-Graduação da FCT. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail miltonli@uol.com.br

(JZ)



Lima: apoio da literatura infantil

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Mais recursos na Internet

Grupo explora novas tecnologias para aprimorar aprendizado eletrônico



Borba, Maltempi, Ana Paula, Chavez e Ivelize: mais opções

A Internet está ampliando os horizontes da educação a distância. A exploração dos recursos criados com a rede mundial é o objeto de estudo do Grupo do Aprendizado Eletrônico (Ae),

"Essas tecnologias vão permitir, por exemplo, maior rapidez na transmissão de dados, viabilizando videoconferências e animações", explica Marcelo de Carvalho Borba, docente do Instituto de

subprojeto do programa Tecnologia da Informação no Desenvolvimento da Internet Avançada (Tidia). Criado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Tidia pesquisa e desenvolve novas tecnologias da informação e comunicação, nas áreas de hardware, software e redes.

Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, *campus* de Rio Claro, e coordenador do Tidia-Ae. Participam do programa da Fapesp cerca de 40 grupos de universidades do Estado de São Paulo, como USP, Unicamp, UFSCar e Unifesp.

O programa está dividido em três sub-projetos: Kyatera (para infra-estrutura de rede); Incubadora Virtual de Conteúdos (administrador de projetos que permite compartilhar conteúdos entre os grupos); e Aprendizado Eletrônico (Ae), do qual faz parte o Grupo de Pesquisa em Informática, outras Mídias e Educação Matemática (GPIMEM), coordenado por Borba e único representante da UNESP nesse projeto.

Entre as pesquisas do grupo do IGCE, está a criação de um software que proporciona chats avançados, capazes de utilizar simbologia matemática e construir figuras geométricas. "Estudamos

formas de otimizar a Internet de altíssima velocidade", afirma Marcus Vinícius Maltempi, docente do Departamento de Estatística, Matemática Aplicada e Computação do Instituto e pesquisador do Tidia-Ae.

"Nossa contribuição está disponível na Incubadora Virtual de Conteúdos, para outros grupos de pesquisa e para a comunidade em geral", informa a doutoranda Ana Paula Malheiros, integrante do GPIMEM. A equipe também conta com a participação dos graduandos Ivelize Bernardo e Wellington Chavez.

O GPIMEM busca, ainda, incentivar a participação de mais grupos no programa, cuja primeira etapa será concluída em dezembro de 2005. "Mas nosso trabalho não se restringe apenas ao Tidia", conta Borba. "Procuramos trazer as idéias relacionadas à nossa área para dentro do IGCE."

Desafios dos cursos de Odontologia

O Ministério da Educação prepara a reforma curricular dos cursos de Odontologia do País, com o objetivo de formar profissionais com um perfil mais adequado para diagnosticar e enfrentar os principais

problemas de saúde da população brasileira. A proposta tem provocado várias discussões e o *Jornal UNESP* publica nesta página reportagens que abordam alguns dos temas debatidos.

Um mercado difícil

Pesquisa entre ex-alunos de Araçatuba aponta obstáculos no exercício profissional

A qualidade de um curso nem sempre significa que os diplomados terão um futuro confortável na carreira. É o que revela uma pesquisa entre ex-alunos da Faculdade de Odontologia da UNESP, *campus* de Araçatuba. Dos 214 entrevistados, mais de 80% avaliaram o curso como bom ou ótimo. No entanto, 55% dos consultados admitiram que as dificuldades de inserção profissional foram maiores do que esperavam e apenas 9% se consideraram plenamente satisfeitos com a atividade.

Promovido com o objetivo de ajudar o curso a se preparar para a reforma curricular, o estudo procurou também retratar a situação de formados na UNESP entre os anos de 1989 e 2000. Foram colhidas, ainda, opiniões em relação a perspectiva profissional, jornada e condições de trabalho.

O levantamento registrou um certo des-

compasso entre a formação universitária e a prática profissional. “As maiores deficiências apontadas no curso são a falta de enfoque em áreas como administração, *marketing* e gestão de negócios aplicados à profissão”, salienta uma das responsáveis pelo estudo, a docente Suzely Moimaz.

As dificuldades do mercado fazem com que os recém-formados geralmente atuem em clínicas privadas, como empregados ou recebendo um percentual dos ganhos. Alguns decidem se fixar na rede pública. “A idéia de que o emprego público seria temporário foi um engano, pois a grande concorrência fez com que os profissionais se mantivessem nesses postos”, relata Suzely.

Os obstáculos comuns à carreira e a jornada de trabalho, em média de 40 horas semanais, refletem-se nas condições físicas dos profissionais. “Quanto maior o número de anos de atividade, maiores são

as queixas sobre problemas de saúde, como deficiência auditiva e da visão, depressão, estresse crônico e dor nas costas”, comenta a pesquisadora.

No caso das mulheres, 65% das entrevistadas declararam trabalhar entre 8 e 10 horas por dia. Apesar de 78% delas considerarem-se satisfeitas com a profissão, 58% das 100 consultadas não a recomendariam aos seus filhos, 94% afirmaram manter-se financeiramente com ajuda de seus companheiros e 87% não tinham a Odontologia como renda principal.

O estudo também constatou que 2% dos pesquisados não estavam exercendo a profissão. “O número pode ser maior, já que os participantes fazem parte de um cadastro do Conselho Regional de Odontologia, no qual muitos ex-alunos podem nem estar inscritos”, comenta Suzely.

Julio Zanella



Suzely: entrevistas com 214 profissionais

Mais ênfase à Psicologia

Tema deverá receber maior destaque com mudança curricular

Para muitas pessoas, sentar numa cadeira de dentista é um momento assustador. Embora a formação psicológica possa ajudar o profissional da área a tranquilizar seu paciente, o ensino em nível de graduação dá pouca atenção a esse aspecto do atendimento.

Na reforma curricular, os cursos de Odontologia da UNESP darão mais ênfase ao tema. “A maioria dos cursos do País tem hoje uma abordagem muito tecnicista e desumanizada da prática profissional”, aponta Renato Fajardo, professor da Faculdade de Odontologia (FO), *campus* de Araçatuba.

Coordenador do Centro de Integração Odontologia/Psicologia da faculdade, Fajardo enfatiza que o profissional deve saber identificar no paciente, por exemplo, a origem das doenças psicossomáticas que atingem os dentes – por exemplo, o bruxismo – e aquelas que indiretamente podem influenciar no tratamento, como o estresse e a síndrome de pânico.

Na reforma curricular a ser promovida em Araçatuba, a Psicologia deverá ser disciplina optativa, semestral com quatro créditos, segundo o coordenador do curso, Marcos Mendonça. “Esse tema, porém, também será inserido nas Ciências Sociais, em disciplinas técnicas e no atendimento a pacientes especiais, como portadores da síndrome de Down”, explica.

Desde 1988, a Faculdade de Odontologia, *campus* de São José dos Campos, oferece a disciplina de Psicologia



Fajardo: contra a formação tecnicista

em seu currículo. “O cirurgião dentista não será bem-sucedido na profissão se ele próprio não se desenvolver pessoalmente”, argumenta a psicóloga Denise Nicodemo, docente da disciplina. Denise orienta os futuros cirurgiões dentistas a lidar com pacientes especiais – por exemplo, com ansiedade e medo –, além de fazer acompanhamento ao atendimento nas clínicas.

Na Faculdade de Odontologia do *campus* de Araraquara, o tema está inserido, no Ciclo Básico, na disciplina de Ciências Sociais – com a Sociologia e a Antropologia – e, no quarto ano, na disciplina de Odontopediatria. De acordo com o coordenador do curso de graduação, Carlos Cruz, o projeto de reforma curricular propõe que o tema seja tratado na disciplina de Odontologia Social. “Mas o assunto também pode ser abordado nos primeiros anos e nas disciplinas mais técnicas”, afirma. (JZ)

Atendimento a idosos ganha espaço

Aumento das pessoas com mais de 60 anos já influencia ensino

Nos próximos 20 anos, o Brasil deverá tornar-se o sétimo país do mundo em número de idosos. Serão cerca de 32 milhões de pessoas acima dos 60 anos, ou quase 15% da população. As previsões já começam a gerar reflexos em áreas como o ensino e o atendimento odontológico.

A Faculdade de Odontologia (FO) do *campus* de São José dos Campos criou a disciplina de Odontologia Geriátrica. Incluída na grade curricular do terceiro ano, com 40 horas/aula, ela proporciona aos alunos, além da formação teórica, a oportunidade de aprimoramento prático, com atividades como visitas domiciliares às pessoas beneficiadas pelo Centro do Atendimento ao Idoso da cidade. “As mudanças demográficas nos levaram a enfatizar a melhora da qualidade de vida dessas pessoas”, diz o coordenador do curso de graduação, Warley David Kerbauy.

Embora não tenha uma disciplina específica para a terceira idade, o curso da Faculdade de Odontologia, *campus* de Araçatuba, aborda o tema em outras áreas e proporciona aos alunos o contato com essa parcela da população por meio de projetos de extensão, como o Programa de Atendimento ao Idoso. “A meta é promover a saúde, prevenir as doenças e recuperar a saúde bucal por meio de ações educa-



Idosa atendida em Araçatuba: melhor qualidade de vida

tivas, preventivas e reabilitadoras”, diz a coordenadora do projeto, a docente Nemre Adas Saliba.

A mesma preocupação está presente na Faculdade de Odontologia do *campus* de Araraquara. O coordenador do curso de graduação, Carlos Cruz, ressalta que o conteúdo específico referente aos pacientes dessa faixa etária é distribuído entre as disciplinas de Prótese Total, Parcial e Fixa, Clínica Integrada, Periodontite e Cirurgia. Cruz acrescenta que a disciplina de Odontogeriatría está prevista na proposta de reforma curricular do MEC. “Ela virá como disciplina optativa para quem desejar obter um conhecimento mais integrado, mas acreditamos que no futuro ela se torne obrigatória”, acentua. (JZ)

PSICOLOGIA

Sonhar, para viver melhor

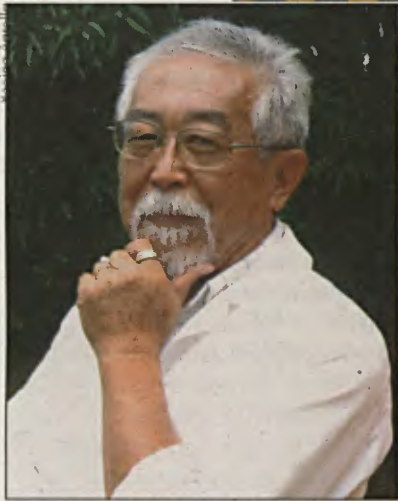
Estudos relacionam falta de sonhos a agressividade e ansiedade

As pessoas que não dormem bem e, principalmente, não conseguem sonhar tornam-se com frequência mais agressivas e suscetíveis a problemas de saúde. Estudos coordenados pelo psicólogo Katsumasa Hoshino, do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências (FC), *campus* de Bauru, demonstram a relação que existe entre os distúrbios do sono e a agressividade, tanto em animais quanto nos seres humanos.

Um dos trabalhos da equipe liderada por Hoshino, realizado entre 2000 e 2002, analisou o comportamento de cerca de 300 ratos impedidos de atingir o estado de sonho. “Sem conseguir sonhar, eles agrediam-se uns aos outros por até 12 horas seguidas, sem qualquer motivo aparente”, lembra o pesquisador. Segundo o psicólogo, a agressividade era manifestada em especial entre os ratos mais ansiosos – a ansiedade é uma emoção ligada ao comportamento de defesa animal e humano.

Os dados das pesquisas com ratos foram depois comparados com um levantamento entre indivíduos envolvidos em violência doméstica. Um grupo de estudantes de Psicologia da FC realizou entrevistas em delegacias e presídios de cinco cidades de São Paulo, com 120 pessoas, que responderam questionários-padrão, geralmente utilizados no diagnóstico de ansiedade e síndrome do pânico. “Pessoas altamente ansiosas são mais propensas a manifestar fobias como a síndrome do pânico, caracterizada por sintomas como medo excessivo e sentimento de morte iminente, por exemplo”, explica.

“A maior parte dos entrevistados apresentava quadros de ansiedade e tinha o hábito de beber em excesso para relaxar”, conta Hoshino, advertindo que o consumo exagerado de álcool fragmenta o sono e priva a pessoa do estágio dos sonhos, levando ao aumento da sua ansiedade e agressividade. “A nossa pesquisa mostra que animais e muito provavelmente pessoas extremamente ansiosas, quando privadas do sonho, desenvolvem síndrome do pânico”, diz. Para reforçar seus argumentos, o psicólogo cita uma pesquisa norte-americana que constatou a manifestação mais intensa dos sintomas de pânico entre praticantes de violência doméstica que receberam lactato de sódio,



Hoshino: saúde prejudicada



Sobre a criação, Marc Chagall

substância usada para o diagnóstico dessa síndrome.

O psicólogo assinala que a ciência ainda não sabe para que servem os sonhos. “Mas temos a certeza da sua importância para a vida”, acrescenta. Ele explica que, nos experimentos, a fase do sonho é detectada por meio do registro da atividade elétrica cerebral (no caso, utilizando eletroencefalogramas) e da constatação do movimento dos olhos, relaxamento da musculatura, respiração irregular e mudança dos batimentos cardíacos.

Segundo Hoshino, o ciclo do sono é composto por dois estados. No primeiro, denominado sono de ondas sincronizadas, um indivíduo adulto vai da sonolência ao sono leve, depois ao sono médio e finalmente ao sono profundo. Em seguida, volta ao sono leve, entrando no segundo estado

do ciclo, que é conhecido como sono de ondas dessincronizadas, ou “sono-REM” (sigla de Rapid Eyes Movements, ou seja, movimentos rápidos dos olhos). É nessa etapa, em que a pessoa apresenta uma atividade elétrica cerebral semelhante à do período em que está acordada, que ocorrem os sonhos.

O psicólogo explica que os ciclos de sono duram em média 90 minutos e se repetem entre 5 e 6 vezes a cada período de 8 horas de sono normal. “O sono profundo e o sono de sonhos são fundamentais para a manutenção de diversas atividades necessárias à vida e é por esse motivo que, quando eles não ocorrem, nós os compensamos nas noites seguintes”, esclarece.

“A grande lição destes estudos para a sociedade é a importância de se zelar pela qualidade do sono”, diz o psicólogo (veja quadro). “Ele proporciona o bom desempenho pessoal e profissional e garante nossa longevidade, preservando a atenção, a memória e a disposição”, ressalta.

Julio Zanella

MEDICINA

Os riscos de quem não dorme bem

Especialista aponta aumento de insônia entre crianças

Ronald Fonseca, professor da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, *campus* de Botucatu, alerta para os perigos que a falta de sono pode ocasionar. “Quem dorme mal tem mais chances de sofrer todo tipo de acidente, principalmente no trânsito”, garante o neurologista.

Fonseca é responsável pelo Ambulatório do Sono do Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina (FM), *campus* de Botucatu, no qual 30 novos pacientes são atendidos semanalmente. Nos casos mais graves e complexos, os exames são feitos no Laboratório de Polissonografia, onde são analisadas a quantidade de oxigênio no sangue, a respiração e a atividade cardíaca.

De acordo com o neurologista, a insônia pode ter origem genética ou estar associada a 88 doenças. O mal pode se manifestar pela latência de sono e pelo despertar precoce. No primeiro caso, o indivíduo demora mais de 30 minutos para dormir e acorda várias vezes à



Fonseca: insônia pode ter origem genética ou estar ligada a doenças

noite. “São sintomas que podem ser transitórios, esporádicos ou crônicos”, esclarece o pesquisador. “Os casos crônicos representam 10% da população.”

Ele ressalta que hábitos como o excesso de ingestão de café, chocolate, refrigerantes e alimentos com alto teor de cafeína excitam o sistema nervoso central e dificultam o sono. O consumo de bebidas alcoólicas e de cigarro também é prejudicial. “O álcool fragmenta o sono e leva ao despertar precoce, enquanto a nicotina faz com que a pessoa fique desperta”, adverte.

Os transtornos psiquiátricos como depressão e ansiedade também podem acelerar o desenvolvimento da insônia. “O divórcio, o desemprego, o nascimento ou a morte de um filho são situações que podem precipitar o seu aparecimento”, aponta o pesquisador.

Fonseca alerta, ainda, para o aumento da falta de sono na infância. “Pesquisas indicam que esse mal atinge 30% das crianças até cinco anos”, informa. Fonseca sugere que os pais “desacelerem” o ritmo do filho um pouco antes do horário de ele ir para a cama. “É preciso mantê-lo longe da TV, computador, som alto e de qualquer atividade que o deixe agitado”, aconselha. Segundo o neurologista, o problema se manifesta principalmente entre crianças que já possuem tendência genética para o distúrbio. “Associado aos maus hábitos alimentares, por exemplo, o problema se agrava”, informa. (JZ)

Iguaria com tempero da ciência

Centro de Aquicultura da UNESP desenvolve pacote de tecnologia para estimular produção e consumo de camarão-da-amazônia

ANDRÉ LOUZAS

A produção comercial de camarões de água doce no Brasil é dominada por um "estrangeiro": o camarão-da-malásia, espécie asiática introduzida há três décadas. No entanto, o País abriga espécies nativas que poderiam também chegar à mesa da população e até se tornar um item de exportação. Um caso exemplar é o camarão-da-amazônia (*Macrobrachium amazonicum*), que, apesar de ser mais abundante na Região Norte, pode ser encontrado até o Paraná.

Uma das vantagens do cultivo dessa espécie é o seu baixo impacto ambiental, principalmente em comparação com a criação dos camarões marinhos, que origina problemas como a destruição de mangues pela construção de viveiros e a poluição das áreas próximas por fósforo, nitrogênio e outras substâncias presentes na água descartada pelos produtores.

Desde 2000 está em funcionamento um programa de abrangência nacional destinado a garantir a produção sustentável desse crustáceo. "Esse é o primeiro programa na área de organismos aquáticos voltado para o desenvolvimento de tecnologia completa para criação de uma espécie nativa", explica o idealizador da proposta e coordenador geral dos trabalhos Wagner Valentini, professor do Departamento de Biologia Aplicada da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), do campus de Jaboticabal, e pesquisador do Centro de Aquicultura da UNESP (Caunesp) (veja quadro 1).



Exemplares de camarão: criação de espécie nativa

carne desse animal (veja quadro 2). "Para produzir um pacote tecnológico, como pretendemos, é preciso gerar muita informação integrada e dirigida para questões definidas", argumenta o biólogo.

Um dos grupos ligados ao programa é coordenado pela professora Irene Bastos Franceschini Vicentini, do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências, campus da UNESP de Bauri, cujos esforços são direcionados para a morfologia – ou seja, a composição dos tecidos

socials, econômicos e ambientais. Ele recorda que, no processo de alimentação dos camarões, a ração é distribuída manualmente por um trabalhador, em vez de ser lançada por uma máquina. "Esse sistema diminui o volume de ração distribuída, reduzindo os custos do produtor e a quantidade de poluição lançada no ambiente, ao mesmo tempo que garante o emprego de um funcionário", explica.

Outra preocupação é com o bem-estar do animal – isto é, deve-se evitar o sofrimento desnecessário dos crustáceos. "Não utilizamos técnicas como, por exemplo, o corte dos olhos do animal, usada para induzir a reprodução dos camarões marinhos", acentua.

O biólogo assegura que o programa já garantiu o domínio da tecnologia de produção de larvas (ou seja, dos camarões recém-nascidos), pós-larvas (entre 20 e 30 dias de vida) e adultos (com mais de 3 meses de idade). O próximo desafio, que se inicia em 2005, é a implantação de um projeto-piloto no Pará, a fim de avaliar a viabilidade comercial das tecnologias desenvolvidas. Inicialmente, será implementada uma estação para produção de pós-larvas na sede da Secretaria da Agricultura do Pará, em Belém. "Essas pós-larvas serão depois enviadas para 10 projetos de engorda de camarões a serem instalados no Estado a partir de 2006", afirma.

Dois técnicos da Secretaria da Agricultura daquele Estado já realizam um estágio, entre março e junho deste ano, na sede do Caunesp. "A tecnologia que viemos aprender será depois transferida para os produtores em municípios próximos de Belém", esclarece Dolores Amorim, bióloga da Secretaria. Dolores enfatiza que o camarão-da-amazônia é um alimento popular em seu Estado, cuja exploração garante o sustento de milhares de pessoas. "Esse processo, porém, hoje é extrativista, o que tem levado à redução nos estoques naturais", adverte.

Valentini destaca que, se a experiência no Pará for bem-sucedida, a cultura do camarão-da-amazônia poderá ser esnendida para outros pontos do País e até ngressar na pauta de exportações. "O processo que desenvolvemos resulta num produto com baixo impacto ambiental e que deverá beneficiar populações da Amazônia, características que podem ser um atrativo de comercialização no Exterior", justifica.



Valentini: geração de tecnologia sustentável em termos ambientais, sociais e econômicos

Padrão internacional

Atividades do Caunesp atraem especialistas do País e do Exterior

O Centro de Aquicultura da UNESP (Caunesp) é considerado uma referência internacional em sua especialidade, que envolve o cultivo de animais como peixes, camarões de água doce, rãs e jacarés. Essa unidade complementar da UNESP, voltada para o ensino, a pesquisa e a extensão em Aquicultura e Biologia Aquática, mantém convênios de cooperação com instituições de países como Estados Unidos, França, Alemanha e Argentina.

O funcionamento do Centro envolve cerca de 40 docentes de cinco campi – Jaboticabal, onde se localiza sua sede, Rio Claro, Botucatu, Bauri e São José do Rio Preto –, além de técnicos e funcionários. "O Caunesp integra especialistas de vários setores, como Ciências Biológicas, Engenharia de Pesca, Ciências Agrárias, Medicina Veterinária e Ecologia", comenta Elisabeth Criscuolo Urbinati, diretora do Centro e docente do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da Faculdade de Ciências Agrárias (FCAV), do campus de Jaboticabal.

Elisabeth destaca a importância do curso de pós-graduação em Aquicultura mantido pelo Caunesp, que reúne anualmente cerca de 90 estudantes de mestrado e doutorado. "O curso tem atraído alunos de quase todos os Estados e de outros países, como Venezuela, Bolívia, Colômbia, Peru, Cabo Verde e até do Japão". Entre

1992 e 2004, a produção do Centro atingiu 49 doutorados e 107 mestrados. Além disso, em nível de graduação, um grande número de estagiários do País e da América do Sul procura o Centro para realizar seus trabalhos de conclusão de curso.

Seis grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) estão ligados ao Caunesp. Um deles é o de Nutrição de Organismos Aquáticos, liderado por Elisabeth e pelo professor Dalton José Carneiro, do Departamento de Zootecnia da FCAV, responsável pelo setor de Rancicultura do Caunesp. Marta, entre outras pesquisas, desenvolve metodologia de coleta de fezes de girinos e rãs para avaliar a digestibilidade do alimento, ou seja, o aproveitamento que o animal obtém do que consome. "Essa análise ajuda a definir as exigências nutricionais das rãs, importantes para se preparar uma ração adequada", enfatiza.

Outra linha de trabalho, coordenada por Elisabeth, poderá contribuir para retirar a piracanjuba da lista de animais ameaçados de extinção no País. Os pesquisadores estão expondo os ovos desse peixe a hormônios da tireóide humana, que estimulam o desenvolvimento dos órgãos das larvas, garantindo maiores chances para sua sobrevivência. "Com isso, milhares de peixes poderão ser no futuro devolvidos à natureza e produzidos para consumo em viveiro, de rio ou a poupar a pesca do estoque selvagem", afirma ela.

A pesquisa básica representa o eixo dos trabalhos do Grupo de Morfologia de Organismos Aquáticos, liderado pelos professores Carlos Alberto Vicentini, do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências (FC), campus de Bauri, e Laura Nakaghi, do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da FCAV. "Uma de nossas linhas

de produtos de nutrição, principalmente para espécies de peixes comuns no Brasil, como pacus, matrinxãs, pintados e tilápias. Carneiro assinala, ainda, a inserção dos ex-alunos do grupo, geralmente doutores, nas indústrias de ração. "Eles levam uma nova mentalidade para a produção de alimentos para organismos aquáticos, tradicionalmente fundamentada nos conceitos usados para aves e suínos", enfatiza.



Rego e pratos com camarão: "chef" ajuda nos estudos

Quando a pesquisa chega à mesa

Doutorando da FCAV prepara pratos com o crustáceo



do "Camarão à imperatriz", que pode ser servido para quatro pessoas:

- Ingredientes:
 1 cebola grande
 1 xícara (café) de cheiro-verde
 1 colher (café) de ervas finas
 1 lata pequena de creme de leite
 1 lata de molho de tomate
 1/2 xícara (chá) de azeite
 2 colheres (sopa) de molho inglês
 400 g de camarão (médio ou grande)
 100 g de champignon fatiado
 2 panelas de fundo arredondado

Numa panela, refogar a cebola no azeite até que ela fique dourada, adicionar as ervas finas e, em seguida, o molho de tomate e o champignon. Assim que a mistura ferver, apagar o fogo. Em outra panela, colocar duas colheres de azeite e refogar o camarão por cerca de 2 minutos, mexendo o constantemente, até que a carne adquira uma coloração esbranquiçada.

Em seguida, despejar o camarão na panela com os outros ingredientes e reacender o fogo. Com uma colher de pau, mexer por 30 segundos, acrescentar o creme de leite e, em seguida, desligar o fogo. Bom apetite!

(AL)



Instalações de Jaboticabal: conhecimento obtido será transferido a técnicos paraenses

Formada por diversos projetos, a iniciativa reúne cerca de 50 pessoas, entre pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação, de doze instituições de vários Estados, entre as quais estão a USP, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto de Pesca da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura do Pará, Universidade Federal do Pará, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e Universidade Federal Rural da Amazônia, entre outras.

O objetivo desse time é realizar estudos multidisciplinares e multiinstitucionais relacionados a todas as etapas do processo de produção do camarão-da-amazônia, abrangendo aspectos que vão da fisiologia e morfologia até análises para avaliar o impacto ambiental do processo de criação, além da busca de opções culinárias com a

dos que formam os órgãos – desse crustáceo. "Pesquisamos principalmente os aparelhos digestório e reprodutor masculino e feminino dessa espécie, a fim de subsidiar a produção de machos e fêmeas, que servirão tanto de reprodutores quanto de alimento para consumo humano", esclarece a pesquisadora.

O grupo liderado por Irene já soma conquistas como o aumento da fecundidade entre fêmeas, a partir do acréscimo à sua ração de um ácido graxo (gordura) que estimula a produção de ovos. "Também já obtivemos bons resultados na tentativa de antecipar a maturação sexual dos machos, por meio da adição de colesterol à ração", acrescenta a bióloga.

Valentini ressalta que o programa tem a preocupação de gerar uma tecnologia de produção que seja sustentável em termos

de pesquisa investiga as células do aparelho reprodutor masculino e feminino de peixes como pacus, matrinxãs e tilápias", esclarece Vicentini, que é vice-diretor do Caunesp.

A preocupação com a poluição causada pela aquicultura deu origem a algumas linhas de investigação do Caunesp. O grupo liderado por Antonio Fernando Monteiro Camargo, docente do Departamento de Ecologia do Instituto de Biociências (IB), campus de Rio Claro, desenvolve sistemas de tratamento de água usando plantas aquáticas. "Nossos melhores resultados nesse processo foram obtidos com aguapés", revela Camargo.

Uma das peculiaridades do Centro é a colaboração entre os grupos. Os integrantes da equipe de Camargo, por exemplo, estudam o potencial das plantas aquáticas para alimentação de peixes em parceria com o professor Luis Edivaldo Pezzato, do Departamento de Melhoramento e Nutrição Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), campus de Botucatu.

Ao lado do professor Flávio Ruas de Moraes, do Departamento de Patologia Veterinária da FCAV, Pezzato coordena o Grupo de Extensão e Pesquisa em Ictiopatologia, que investiga as doenças dos peixes e cuja atividade se distribui em três linhas de estudos: a primeira, sobre os efeitos do estresse causado nos animais por fatores como a densidade populacional dos viveiros; a segunda, voltada para a fauna de parasitas e os métodos para seu controle; e a terceira, relacionada às alterações sanguíneas dos peixes.



Pesquisadora no Centro: trabalhos realizados com ênfase multidisciplinar

Sipaúba Tavares, pesquisadora do Caunesp, tem como uma de suas principais atividades o estudo da ecologia dos viveiros. "Também propomos opções para o manejo desses ecossistemas, para evitar a proliferação de microorganismos não adequados à criação dos peixes", ressalta Lucia. Outra linha de pesquisa volta-se para a produção de algas e zooplânctons – o alimento básico das larvas desses animais –, a partir de meios de alimentação alternativos, como o NPK (20-5-20) (fórmula que indica a proporção de nitrogênio, fósforo e potássio do composto utilizado).

O Caunesp soma 19 laboratórios associados, que se espalham pelos cinco campi, e 9 laboratórios próprios, todos em Jaboticabal, com exceção do de Biologia e Criação de Répteis, que funciona no Instituto de Biociências do campus de Rio Claro. Sob a responsabilidade de Augusto Shinya Abe, docente do Departamento de Zoologia do IB, o laboratório de Rio Claro garante a criação, na área de aquicultura, de jacarés-de-papamarelo e tartarugas. "No caso dos jacarés, coordenamos estudos sobre comportamento, reprodução, dieta e, principalmente, fisiologia dos animais", declara Abe.

Orgulhosa da posição destacada do Centro que dirige, Elisabeth demonstra otimismo quanto ao futuro de suas atividades. Em primeiro lugar, segundo a pesquisadora, pelo vigor da aquicultura no País, que registra uma expansão média anual de 25%. "Além disso, a vitalidade da produção de nossos pesquisadores, aliada à qualidade da formação de recursos humanos, reforça nossas possibilidades de crescimento", comenta.

Já o grupo liderado por Lúcia Helena

RELAÇÕES EXTERNAS

Parceria com Suíça estudará fungo

Convênio

Arex anuncia propostas para área internacional nos próximos anos

Com o objetivo de estudar o fungo *Rhizoctonia solani*, que ataca as culturas de arroz e soja do País, a UNESP assinou, em fevereiro, um convênio de colaboração científica com o Instituto Federal Suíço de Tecnologia (ETH), uma das mais conceituadas instituições de ensino e pesquisa da Europa. O projeto será desenvolvido em



Ceresini, McDonald e Bechara (da esq. para a dir.): convênio guarda-chuva

parceria com o pesquisador Bruce McDonald, do ETH. "Pretendemos contribuir para a solução de um importante problema fitossanitário da agricultura brasileira", argumenta McDonald, que visitou a Universidade. O acordo foi intermediado por Paulo Ceresini, professor da Faculdade de Engenharia, campus de Ilha Solteira.

O intercâmbio reflete as metas e os princípios estabelecidos pela nova gestão para a política de relações externas. "Essa é uma ação que vem ao encontro de uma maior inserção internacional da UNESP", afirma o professor Gervásio Henrique Bechara, assessor-chefe da Arex. "É um convênio guarda-

chuva que poderá ser utilizado por todas as unidades por meio de termos aditivos."

Bechara informa que, este ano, a Arex organizará um seminário sobre Educação Internacional em parceria com a Embaixada do Canadá e um simpósio sobre Ciência e Tecnologia com a Universidade Politécnica de Madrid, da Espanha. Bechara garante que também será feita uma análise sobre a viabilidade da prorrogação de convênios já assinados, sendo mantidos apenas os que comprovarem sua eficácia. Para aprovação de novos intercâmbios, deverá ser indicado um coordenador do projeto, que precisará demonstrar os resultados e responder pelas suas atividades.

Segundo o assessor, outra proposta é estimular os docentes a disputar concursos e prêmios, auxílios-pesquisa e bolsas oferecidos por instituições ou agências de fomento nacionais e internacionais, cujos editais serão divulgados pela Arex por mala direta ou pelo Portal UNESP, na página da assessoria (www.unesp.br/arex/).

Alunos interessados em estudar, realizar estágios ou visitas técnicas a instituições conveniadas no exterior poderão entrar em contato com a Arex para obter a orientação e o apoio necessários. A assessoria também está à disposição dos estudantes estrangeiros que queiram realizar cursos ou outras atividades na UNESP.



Novo padrão para páginas da Internet: esforço de três assessorias

INTERNET

UNESP padroniza páginas na rede

Cresce também número de licenças de software estatístico

A Assessoria de Informática (AI) já iniciou a padronização das páginas da UNESP na Internet, uma iniciativa promovida conjuntamente com os Serviços Técnicos de Informática (STIs) das unidades. Segundo o assessor de Informática, Milton Hirokazu Shimabukuro, o objetivo da mudança é adequar a apresentação dos sites ao Programa de Identidade Visual da Universidade. "Esse esforço envolve também a Assessoria de Planejamento e Orçamento (Aplo) e a Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI)", esclarece Shimabukuro.

Outras iniciativas também marcam a atividade da AI na nova gestão da Reitoria. Já foi obtido, por exemplo, o aumento do número de licenças do software SAS, utilizado para análises estatísticas. "Essa expansão beneficiará todas as unidades da UNESP que utilizam o software em atividades

de ensino, pesquisa e extensão", garante o assessor.

Segundo Shimabukuro, também foi mantido o processo de expansão da capacidade da rede, com a entrada em operação das linhas de 34 Mb/s. Para isso estão sendo substituídos os roteadores – equipamentos utilizados para direcionar os dados – em algumas unidades. O assessor explica que essa expansão proporcionará maior rapidez e comodidade no uso da rede, permitindo a realização de videoconferências e o encaminhamento de chamadas telefônicas através da rede de computadores, com a implantação da Telefonia IP.

A Telefonia IP, aliás, também recebe a devida atenção, com a realização de um projeto piloto para integrar os ramais telefônicos da Reitoria à rede IP. Para estimular o uso da Telefonia IP na UNESP foi desenvolvido o site "voip.unesp.br".

REITORIA

Definidos mais três nomes

O reitor Marcos Macari nomeou mais integrantes para a equipe que vai administrar a UNESP. São eles Edson César dos Santos Cabral, indicado para a recém-criada Procuradoria Jurídica; Adriano Natale, para a Presidência da Comissão Permanente de Avaliação; e, para a Assessoria de Informática, Milton Hirokazu Shimabukuro.

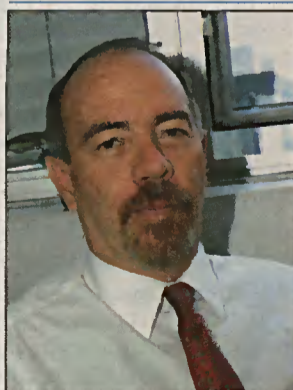
Procuradoria Jurídica



A principal atribuição do advogado Edson César dos Santos Cabral será a criação da Procuradoria Jurídica da UNESP, em substituição à Assessoria Jurídica. Procuradoria é uma denominação tecnicamente mais correta para a função de representação judicial e extrajudicial da Universidade. O órgão atuará preventivamente em relação às demandas

jurídicas e, para tanto, dará suporte às decisões tomadas pela UNESP. Paralelamente, o procurador-chefe proporrá aos órgãos colegiados a criação da carreira de procurador. Natural de Ribeirão Preto (SP), Cabral graduou-se em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde também fez especialização em Direito do Trabalho. Com atuação no serviço público desde 1989, o advogado, antes de vir para a UNESP, trabalhava desde 1993 como procurador subchefe da Universidade Estadual de Campinas.

Comissão Permanente de Avaliação



Nascido em São Paulo (SP) e graduado pelo Instituto de Física da USP, Adriano Natale é o novo presidente da Comissão Permanente de Avaliação (CPA). Mestre em Astronomia pela USP, obteve o doutorado e a livre-docência em Física pelo Instituto de Física Teórica (IFT) da UNESP, campus de São Paulo, onde é professor. Realizou o pós-doutorado

no Lawrence Berkeley Laboratory da Universidade da Califórnia (EUA), além de estágios em instituições como o Cern (Centro Europeu de Pesquisas Nucleares, Suíça), ICTP (Centro Internacional de Física Teórica, Itália) e Departamento de Física da Universidade de Wisconsin, Madison (EUA). Foi diretor e vice-diretor do IFT e membro da Coordenação de Física da Fapesp e da Comissão de Avaliação de Pós-Graduação em Física e Astronomia da Capes. É membro suplente do Comitê Assessor da área de Física e Astronomia do CNPq.

Assessoria de Informática



Boa parte da trajetória profissional de Milton Hirokazu Shimabukuro, o novo assessor de Informática da UNESP, está ligada à Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), campus de Presidente Prudente, sua cidade natal. Em 1990, ingressou como servidor técnico-administrativo nessa unidade, onde atua como analista de informática no Serviço Técnico de Informática (STI). Formou-se em Ciências da Computação no Instituto de Ciências Matemáticas e Computação (ICMC) da USP de São Carlos, em 1986. Nesse instituto, obteve também o mestrado, com estudos na área de computação gráfica, e doutorado, voltado para a visualização de informação. Em sua experiência profissional destacam-se, ainda, um estágio realizado em 1988 numa empresa da Ilha de Okinawa, no Japão, além do trabalho numa empresa privada, no início de sua carreira, no Brasil.

Iniciativa na política editorial

Editora UNESP tem atuação destacada em projetos nacionais de fomento à leitura

Democratizar o acesso ao livro e fomentar e valorizar a leitura são alguns dos princípios que a Fundação Editora da UNESP (FEU) sempre teve em vista. Atualmente, a instituição participa, entre outros projetos, do esforço para a formação da Câmara Setorial do Livro e Leitura, encabeçada pelo Ministério da Cultura. “A excelência de nosso catálogo e a nossa estrutura de funcionamento como fundação, com plena autonomia editorial e administrativa, são referências no Brasil e na América Latina”, comenta o diretor-presidente da FEU, José Castilho Marques Neto.

Castilho integra ainda o Comitê Executivo do Vivaleitura, nome dado no Brasil ao programa do Ano Ibero-Americano de Leitura, comemorado em 21 países da Europa e das Américas em 2005. A participação da UNESP nesse tipo de atividade constitui o desenvolvimento de um amplo trabalho. Inaugurada em 1987, a Editora UNESP é o braço editorial da Universidade e se transformou, em 1996, por decisão do Conselho Universitário, em Fundação. “A Editora busca contribuir para a modernização e o alinhamento da UNESP com as grandes universidades brasileiras e internacionais”, afirma Castilho. “Ela é uma vitrine da Universidade, publicando livros e periódicos científicos relevantes para o desenvolvimento da ciência e da cultura.” (Veja depoimentos.)

Para o diretor-presidente, o sucesso de uma Editora Universitária depende da conquista de três autonomias: editorial (liberdade para publicar), administrativa (condições de gerenciar e planejar seus negócios) e financeira (gestão da sua receita, com atividade auto-sustentável). “Falta à Editora UNESP a autonomia financeira, em virtude das dificuldades do mercado editorial e do necessário apego a linhas editoriais marcadamente acadêmicas, e não comerciais”, explica.

Ao longo de sua história, a FEU recebeu, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, um prêmio na categoria Editoração; da Associação Brasileira de Críticos de Arte, o Prêmio Sergio Milliet, para Pesquisa Publicada na Área de Artes Vi-

suais; e 11 Prêmios Jabuti. Castilho ocupou a presidência da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu) e ainda ocupa a da Associação de Editoras Universitárias da América Latina e do Caribe (Eulac). Foi, ainda, entre 2002 e 2005, diretor-geral da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade, em São Paulo. “Também investimos em empreendimentos como três livrarias, em São Paulo, Araraquara e Bauru, e a Universidade do Livro.” (Veja quadro.)

Em 2004, a FEU lançou, entre novas publicações e reimpressões, 124 livros (veja tabela). Foram criadas três novas coleções: “Saúde e Cidadania”, com temas de interesse geral; “Revoluções do século XX”, sobre movimentos políticos na China, Rússia e Cuba; e “Paradidáticos”, que oferece aos estudantes e leigos informações sobre temas como novas tecnologias. “A situação financeira e contábil da FEU encontra-se estável desde 2003, devido à consolidação de um projeto de traços fortemente profissionais, que se valeu do objetivo de bem editar e publicar autores que contribuam para a cultura brasileira e o desenvolvimento do setor acadêmico”, conclui Castilho.

Oscar D'Ambrosio



Estande da Editora na Bienal do Livro, em São Paulo: qualidade reconhecida

A Editora em números

AÇÕES EM DESENVOLVIMENTO	2003	2004	CRESCIMENTO 2003/2004
Livros publicados (1ª edição, co-edição e reimpressões)	111	124	11%
Direitos autorais adquiridos	79	85	7,5%
Livrarias próprias	3	3	—
Distribuidora própria	1	1	—
Dependência financeira da UNESP ¹	28,1%	25,5%	(-) 3,1%
Inserções na imprensa	824	1.439	74,6%
Participações em eventos	29 ²	33 ³	13,8

1 - Incluindo o repasse para custeio do Prédio da Praça da Sé, que abriga a FEU e outras instituições da Universidade, e serviços editoriais prestados à Reitoria, os percentuais passam para 36,1%, em 2003, e 32,9%, em 2004.

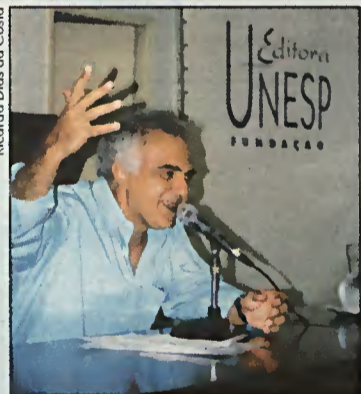
2 - 26 eventos nacionais e 3 internacionais.

3 - 26 eventos nacionais e 7 internacionais.

Fonte: Fundação Editora da UNESP

Universidade do Livro

Mais de 1.200 alunos por ano



Hatoum: publicar é paixão

“Publicar um livro é complicado, mas é nossa paixão.” Com frases como esta, o escritor e tradutor Milton Hatoum, autor de *Relato de um certo Oriente*, premiado em 1989 com o Jabuti de melhor obra de ficção, abriu, no dia 3 de março, na palestra “Antes da versão final: diálogos de um autor com seu editor”, na sede da FEU, em São Paulo, as atividades de 2005 da Universidade do Livro

(Unil), instituição vinculada à Fundação Editora da UNESP (FEU). Estão previstos, neste semestre, cursos sobre plano de marketing editorial, edição de livros de ficção, comunicação visual do livro e direito autoral.

Ano passado, a Universidade do Livro, que existe com esse nome desde 2001, numa parceria entre a FEU e a Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), ministrou 45 cursos, mantendo a média de 1.200 pessoas treinadas por ano. O destaque foi a presença do historiador francês Roger Chartier, especialista em questões do livro e da leitura. “Palestras como a de Chartier e a de Hatoum mostram bem a função da Unil, que é oferecer aos atuais e futuros profissionais da área editorial formas de aprofundar-se e progredir em seu setor”, avalia a superintendente de Formação e Cursos da instituição, Miriam Goldfeder. Veja programação Universidade do Livro em www.editoraunesp.com.br/template/univlivro.htm. (OD)

Depoimentos sobre a Editora

“A Editora da UNESP possui excelentes títulos de obras contemporâneas de várias nacionalidades. Considero o seu catálogo o mais atualizado das editoras universitárias do País.”

Cláudio Lembo, vice-governador do Estado de São Paulo

“O trabalho da Editora da UNESP revelou-se instigante e atraente para o leitor e avançado no relacionamento com o autor.”

Glaucio Arbix, presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

“A Editora da UNESP vem brindando os leitores com obras primorosas, que se sobressaem pela excelência editorial e acadêmica.”

Oswaldo Siciliano, presidente da Câmara Brasileira do Livro

“A Editora da UNESP transformou-se em uma das mais importantes e dinâmicas editoras brasileiras na área das ciências sociais.”

Luiz Carlos Bresser-Pereira, livre-docente pela USP, foi três vezes Ministro de Estado

“Rigor acadêmico, profissionalismo no trato da obra e divulgação priorizando o conteúdo são os pontos altos do trabalho da Editora.”

Gilberto Dupas, coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional da USP



“Embora a UNESP não tenha sido a primeira editora universitária a chegar ao mercado, ela logo assumiu a liderança devido à sua qualidade e excelente seleção de títulos.”

Wander Soares, consultor editorial

“A Editora da UNESP destaca-se pela qualidade, variedade e volume de sua produção. As traduções são geralmente impecáveis e os textos, cuidadosamente revistos.”

Emília Viotti da Costa, historiadora da USP





Pessoas ao sol, Edward Hopper

REVISTA

Modelo para a saúde

Essa publicação acadêmica da Fundação Uni e do Laboratório de Educação e Comunicação em Saúde do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Medicina e do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP, ambos em Botucatu, inclui textos que analisam as possibilidades de o Programa de Saúde da Família (PSF) contribuir para o desenvolvimento de um novo paradigma no Sistema Único de Saúde e de formação dos trabalhadores do setor. Além do dossiê sobre o PSF e dos debates sobre Educação Permanente em Saúde, a revista traz uma análise da produção científica sobre programas de prevenção ao consumo de drogas, bem como artigos que privilegiam os sujeitos das práticas de saúde, inclusive os negligenciados pelo modelo hegemônico, como os idosos. “A construção de uma prática educativa em saúde, culturalmente sensível e dialógica, dentro ou fora do PSF, não será resultante apenas de uma transformação cultural ou pedagógica, mas de uma nova distribuição do poder em saúde”, afirma, na apresentação da revista, Jairnilson Silva Paim, do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia



Interface – comunicação, saúde, educação – Fundação UNI/UNESP, volume 9, setembro 2004/fevereiro 2005; 210 páginas. Informações: 14-3811-6232; intface@fmb.unesp.br; www.interface.org.br

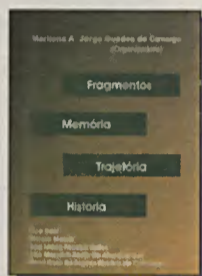
MEMÓRIA

Trajetos de vida

Os sonhos, trajetórias, lutas e resultados de seis carreiras universitárias de docentes do Instituto de Biociências da UNESP, campus de Rio Claro, são retratados neste livro. As autoras, ligadas ao Departamento de Educação, oferecem ao leitor relatos sobre como a opção pela atividade acadêmica engloba trajetórias e histórias de vida. A partir de seus memoriais, documentação exigida pela universidade, elas oferecem uma apresentação única em termos das suas diversas especificidades, como pesquisadoras, mulheres e brasileiras, para realizar a sua titulação. “Até eventos individuais e insignificantes podem revelar fenômenos coletivos e profundos”, afirma a docente do IB Marilena A. Jorge Guedes de Camargo, organizadora da publicação. Cada pesquisadora relaciona a sua subjetividade com a realidade circundante. O livro inclui reflexões sobre trajetórias socioprofissionais que têm como coesão a capacidade de desenvolver projetos de vida em que a pesquisa contribui para o aprimoramento científico e educacional da sociedade.



Betty, Gerhard Richter



Fragmentos. Memória. Trajetória. História – Marilena A. Jorge Guedes de Camargo (org.); Alice Itani, Débora Mazza, Leila Maria Ferreira Salles, Leila Marrach Basto Albuquerque e Maria Rosa Rodrigues; Gráfica e Editora Paper Copy; 192 páginas. Informações: 19-3526-4245/4246.



A musa metafísica, Carlo Carrà

HISTÓRIA I

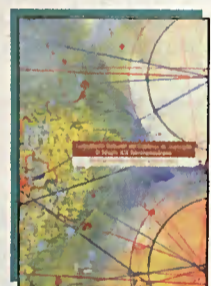
Continente em ebulição

O núcleo de interesse deste livro é a dinâmica cultural da América Ibérica – que se estende da Argentina ao México –, desde a fase de independência dos Estados nacionais, nas primeiras décadas do século XIX, até o momento que precede a I Guerra Mundial, no início do século XX. Os dez ensaios e monografias que formam a obra, organizada por Neide Marcondes e Manoel Bellotto, dois professores aposentados da UNESP, exploram alguns dos fenômenos mais significativos da época, caracterizada pela crescente urbanização e o grande fluxo humano vindo da Europa. O Brasil é o cenário da maioria dos estudos, que discutem, entre outros temas, a contribuição dos imigrantes para a formação multicultural do País na fase oitocentista, a importância da popularização da fotografia para a consolidação do retrato e da imagem de paisagem na sociedade do Império, além da presença da temática indigenista na pintura acadêmica nacional. Os textos também abordam os processos ocorridos em outras nações, como a hegemonia cultural européia na arquitetura e urbanismo latino-americanos e a ascensão da educação pública na Argentina no período que vai de 1884 a 1916.



Maema, Vitor Meireles

Turbulência cultural em cenários em transição – O século XIX ibero-americano – Neide Marcondes e Manoel Bellotto (orgs.); Edusp; 300 páginas. Informações: 11-3091-2911 ou www.usp.br/edusp.



EDUCAÇÃO

Escola democrática

Os elos entre cooperativismo e autogestão, relações de trabalho e globalização e organização do trabalho e educação são as principais temáticas dos sete ensaios reunidos neste livro. No primeiro deles, Gustavo Luis Gutierrez, do Departamento de Estudos do Lazer da Faculdade de Educação Física da Unicamp, discute as características e a evolução do movimento político denominado Economia Solidária. “Ela é formada por dois grupos: um de origem sindical, voltado para a autogestão de empresas, e outro que prioriza as ações que podem provocar um impacto positivo junto às parcelas mais carentes da população”, afirma. “Há ainda textos sobre o conceito de escola democrática, a autogestão de uma escola comunitária e o desafio de trabalhar com as idéias de democracia, participação e poder na perspectiva do cooperativismo educacional”, afirma Candido Giraldez Vieitez, da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, um dos organizadores do livro. O último ensaio trata de uma experiência de gestão democrática numa escola municipal do Jardim do Moraes, na Zona Sul paulistana.

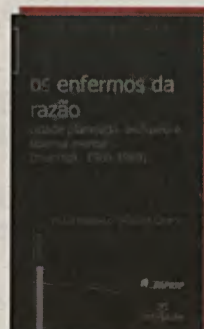


Organizações e democracia – Candido Giraldez Vieitez e Neusa Maria Dal Ri (orgs.); UNESP – Marília – Publicações; 142 páginas. Informações: 14-3402-1305 ou publica@marilia.unesp.br

HISTÓRIA II

À margem da utopia

Versão em livro de dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, campus de Assis, este livro enfoca as dificuldades enfrentadas por homens e mulheres pobres, entre os anos 1960 e 1970, em Maringá, PR. Segundo o autor, atraídas pela possibilidade de riqueza, muitas pessoas de baixa renda foram para a região. Ao não conseguir emprego, elas passaram a pedir esmolas e a morar em albergues noturnos. A população mais abastada, porém, fiando-se na promessa da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – empresa de capital inglês que reorganizou o espaço social do norte do Estado – de que iria morar numa “cidade jardim”, planejada à perfeição, sentiu-se incomodada. Criou-se, assim, como mostram periódicos locais, uma autêntica campanha para que pessoas classificadas como loucos, mendigos, vadios, prostitutas e homossexuais fossem confinadas em instituições filantrópicas e manicômias ou mesmo expulsas do município. “Pessoas comuns sofreram exclusão social e foram marginalizadas por não corresponderem ao ideal de progresso anunciado”, conclui Campos.



Os enfermos da razão: cidade planejada, exclusão e doença mental (Maringá, 1960-1980) – Paulo Fernando de Souza Campos; Annablume e Fapesp; 168 páginas. Informações: 11-3812-6764 ou www.annablume.com.br



Divulgação



Gestão com diálogo

Docentes da UNESP discutem a formação de quadros dirigentes

OSCAR D'AMBROSIO

A necessidade de as universidades brasileiras adotarem cada vez mais um estilo gerencial aberto, responsável e baseado no diálogo é a tônica desta publicação, que mostra como uma visão estratégica da gestão de uma instituição de ensino superior terá melhores resultados se procurar garantir um melhor relacionamento entre corpo docente, pessoal técnico-administrativo e estudantes.

Os 11 textos que integram *Gestão universitária* são o resultado parcial do curso de extensão homônimo organizado, em 2002, na Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, campus de Araraquara. Posteriormente, ele foi oferecido nas unidades de Marília, Botucatu, São Paulo, Araçatuba e Jaboticabal, tendo como alunos aproximadamente 700 servidores técnico-administrativos da UNESP e das unidades da USP em São Carlos, Ribeirão Preto e São Paulo.

Redigido principalmente por docentes da FCL, o livro fornece subsídios para a qualificação e a formação de quadros dirigentes para a gestão universitária. O principal objetivo é contribuir para a elevação geral da capacidade de gestão e para a maior sintonia entre as práticas organizacionais e as atuais exigências da universidade pública.

José Antonio Segatto, do Departamento de Sociologia, no artigo "Desafios, paradoxos e problemas da universidade pública", discorre sobre o processo de mudanças desencadeado na sociedade nas últimas décadas em

termos de reestruturação produtiva, globalização e inovações técnicas e científicas. O texto alerta ainda para a necessidade de a universidade estar alerta contra variáveis como corporativismo, patrimonialismo, clientelismo e assistencialismo.

No capítulo "Sofrimento organizacional, democracia e gestão universitária", Marco Aurélio Nogueira, do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia, afirma que a universidade precisa "valorizar com radicalidade" a sua autonomia. Aponta que o ensino e a pesquisa devem ser postos em relação de equivalência e complementaridade efe-

tiva. E enfatiza a necessidade de um maior diálogo da universidade com a sociedade, democratizando o conhecimento e assumindo a sua condição de "usina estratégica de formação de lideranças intelectuais".

Em "Financiamento e autonomia da Universidade", José Murari Bovo, do

Departamento de Economia, lembra a importância da autonomia financeira das universidades públicas paulistas, iniciada em 1989. Essa experiência, para Bovo, deixa um saldo positivo, que inclui a necessidade do aprimoramento da gestão acadêmica e administrativa, uma maior responsabilidade e um melhor planejamento na utilização de recursos públicos e programação das atividades acadêmicas de longo prazo.

Já Waldemar Álvaro Di Giacomo, do Departamento de Administração Pública, valoriza a qualificação profissional dos servidores e mostra como investir nela constitui uma ação estratégica de alta relevância, que deve privilegiar as novas formas de gestão da universidade, criando condições para que todos os servidores reúnam condições de constante aprimoramento.

O livro constitui um estímulo à reflexão permanente sobre a gestão universitária e promove o debate para garantir a maior sintonia possível entre docentes, servidores técnico-administrativos e alunos em nome de planos e objetivos comuns das universidades para o futuro.



Xeque-mate, Maria Elena Vieira da Silva



Gestão universitária – Emília Maria Gaspar Tóvoli, José Antonio Segatto e Marco Aurélio Nogueira (orgs.); Laboratório Editorial da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara, e Cultura Acadêmica Editora; 192 páginas. Informações: 16-3301-6275; laboratorioeditorial@fclar.unesp.br e www.fclar.unesp.br/labedit

LITERATURA

A bagagem da escritora

Ensaaios analisam obra de Ana Maria Machado

Com mais de cem títulos publicados em mais de 17 países e 18 milhões de exemplares vendidos, Ana Maria Machado (Rio de Janeiro, 1941) é um fenômeno da literatura nacional. Prova disso é que ela recebeu, em 2000, o mais prestigioso prêmio internacional para autores de livros para crianças e jovens, o Hans Christian Andersen, conferido pelo International Board on Books for Young People, e, no ano seguinte, foi contemplada com o Prêmio Machado de Assis, o mais importante concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Organizado por Maria Teresa Gonçalves Pereira, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e Benedito Antunes, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, campus de Assis, este livro reúne dez estudos que contemplam a produção da autora para o público adulto e principalmente, a classificada como infantil ou juvenil.

Alguns textos oferecem novas visões da obra da artista. Docente de Literatura Brasileira da PUC-RJ, Eliana Yunes, por exemplo, lembra que Ana Maria foi professora de Literatura Infantil nessa instituição, além de ter sido crítica do assunto no *Jornal de Brasil* e se destacar na história da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Ana Maria, portanto, tinha uma ampla visão do livro infantil e juvenil – o que seguramente lhe foi muito útil no momento de criar os seus textos.

Merece especial referência a detalhada análise que Neusa Ceciliato de Carvalho, professora de Teoria da Literatura da Universidade Estadual de Londrina, dedica ao texto *Bisa Bia, Bisa Bel*. A obra conta o encontro imaginário entre a pré-adolescente Isabel e a sua bisavó Beatriz. No estudo, a pesquisadora verifica como Ana Maria não enfatiza em seus livros apenas o lado bom da vida, mas também problemas advindos da convivência entre adultos e crianças, pobres e ricos, homens e mulheres.

Professor de Teoria das Relações Públicas nas Faculdades Integradas Hélio Alonso (RJ), Ricardo Benevides aborda a intertextualidade presente em *Bem do seu tamanho*, de 1980, em que a protagonista Helena apresenta diversos pontos de contato com Emília, a boneca falante de Monteiro Lobato, e com Alice, de Lewis Carroll.

Os ensaios, em síntese, apontam como o amplo conhecimento de Ana Maria Machado da psicologia da infância e da juventude lhe permitiu ver a adolescência não como uma preparação para a maturidade, mas como uma etapa a mais no processo de vida, diferencial que torna a sua literatura reconhecida no Brasil e no Exterior.

(OD)



Wilton Junior/Agência Estado



Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado – Maria Teresa Gonçalves Pereira e Benedito Antunes (orgs.); Editora UNESP e Associação Núcleo Editorial Proleitura (ANEP); 184 páginas. Informações: 11-342-7171, feu@editora.unesp.br ou www.editoraunesp.com.br

COMUNIDADE

Nos confins da Amazônia

Estudantes da UNESP relatam suas experiências no Projeto Rondon

Desativado por dezesseis anos, o Projeto Rondon foi retomado pelo governo federal em 2005, numa iniciativa que tem o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE). A proposta atual é semelhante à de seu período inicial, entre 1967 e 1989: estimular o contato de estudantes e de professores universitários com a realidade dos brasileiros que vivem distantes dos grandes centros.

Com auxílio dos Ministérios da Defesa e da Educação, equipes multidisciplinares, compostas por 40 professores e 129 alunos de universidades públicas e particulares, viajaram para a Região Norte do País. De 15 a 29 de janeiro, esse contingente visitou diversas localidades, onde foram levantados os problemas das comunidades.

A UNESP, por intermédio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex), selecionou quatro alunos das áreas de Saúde, Agricultura e Veterinária, Odontologia e Ciência Social, que trabalharam sob a coordenação do psicólogo Luiz Roberto Vasconcellos Boselli, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), *campus* de Marília. "A UNESP, com sua diversidade de áreas de conhecimento e especialização, tem grande contribuição a dar ao Projeto Rondon", acentua a pró-reitora de Extensão, Maria Amélia Máximo de Araújo. "O projeto é importante não somente por seu aspecto acadêmico, mas também pela proposição de ações para garantir a cidadania dos povos indígenas", ressalta Boselli.

Os estudantes que participaram este ano foram Arthur Gouveia Rocha, aluno

da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, *campus* de Jaboticabal (FCAV); Aldrey Cândida Alvarez Mara-



nho, do curso de Enfermagem da Faculdade de Medicina, *campus* de Botucatu; Carlos Eduardo Amaral de Paiva, da Faculdade de Ciências e Letras, *campus* de Araraquara; Vanessa Lopes Maciel, da Faculdade de Odontologia, *campus* de Araçatuba.

A equipe da UNESP visitou Yauaretê, distrito do município de São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas, na fronteira com a Colômbia, onde vivem 2.500 índios de 14 etnias. Entre os problemas levantados pelo grupo estão a ausência de infra-estrutura de saneamento, a inexistência de identificação da população indígena enquanto cidadãos bra-



Festa indígena em Yauaretê e o grupo (no sentido horário): Vanessa, Boselli, Aldrey, Rocha e Paiva

sileiros e a falta de um centro de tradições local.

"Vimos de perto a pobreza e a carência daquele povo, que há anos busca melhores condições de saúde, educação e assistência técnica para a produção de alimentos", destaca Rocha. A equipe também participou de um ritual de danças e pintura do corpo, além de experimentar o caxiri, bebida servida em uma cuia coletiva. Aldrey comenta que a expedição levou esperança à população de Yauaretê. "Acho que esse projeto do governo precisa crescer, para que mais regiões possam ser beneficiadas", comenta.

Os relatórios dos problemas detectados pelas equipes foram entregues no início de abril, numa cerimônia em Brasília. O passo seguinte do projeto deverá ser a implementação das propostas feitas pelos participantes.

LEITURA DINÂMICA

MEDICINA I

Gerido pela Faculdade de Medicina da UNESP, *campus* de Botucatu, e pela Fundação para o Desenvolvimento Médico-Hospitalar (Famesp), o Hospital Estadual Bauru (HEB) recebeu, em fevereiro, o certificado de Acreditação em nível 1 – que mede a segurança na estrutura física, sanitária e de capacitação profissional do hospital –, concedido pela Organização Nacional de Acreditação (ONA), instituição não-governamental sem fins lucrativos, criada com o apoio do Ministério da Saúde. A cerimônia foi realizada no próprio hospital e contou com a presença do governador Geraldo Alckmin; dos secretários estaduais da Saúde e da Educação Luis Roberto Barradas Barata e Gabriel Chalita, respectivamente; do prefeito de Bauru Tuga Angerami; e do reitor da UNESP Marcos Macari. "Dos 6,5 mil hospitais existentes no País, apenas 36 receberam o certificado de Acreditação da ONA", informa Emilio Carlos Curcelli, diretor-clínico do hospital.

MEDICINA II

O nefrologista Pasqual Barretti, atual supervisor do Hospital de Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina (FM), *campus* de Botucatu, assumiu temporariamente, em fevereiro, a direção da FM. Ele substituiu a médica Marilza Vieira Cunha Rudge, que renunciou ao cargo para assumir a Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UNESP. Bonetti tem mandato até 8 de junho, quando tomará posse a nova diretoria, a ser eleita em maio para administrar a FM no período 2005/2009. A posse foi realizada durante sessão solene da Congregação, no anfiteatro da Casa das Artes, no *campus* de Rubião Júnior. Na ocasião, o reitor Marcos Macari foi representado pela própria Marilza. O cargo foi transmitido pelo vice-diretor, Joel Spadaro, então na direção da FM.

AGENTES POLÍTICOS

O cientista político Milton Lahuerta, o sociólogo Marco Aurélio Nogueira e a historiadora Maria Teresa Miceli Kerbauy, todos docentes da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, *campus* de Araraquara, foram conferencistas, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), do 1º Programa de Formação de Agentes Políticos, destinado a prefeitos e vereadores eleitos em 2004. O evento, promovido em fevereiro pelo Instituto do Legislativo Paulista (ILP) em parceria com a Alesp, teve como objetivo promover a aproximação entre as lideranças políticas municipais e a sociedade civil. "A qualidade desse diálogo é importante para a consolidação de nossa democracia", destacou Lahuerta. "Ser político é ter a capacidade de articular os interesses privado e social."

MÚSICA

O compositor e docente do Instituto de Artes da UNESP, *campus* de São Paulo, Edson Zampronha desenvolve intensa atividade acadêmica e artística na Espanha, neste primeiro semestre. Em janeiro, a convite da Escola Superior de Música da Catalunha, na cidade de Barcelona, ele proferiu palestras e realizou concertos de obras eletroacústicas e para piano de sua autoria. Na segunda quinzena de fevereiro, ministrou aulas sobre "A construção do sentido na música contemporânea", no Programa de Doutorado em História e Ciência da Música da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Valladolid. Esse curso é resultado de convênio que prevê amplo intercâmbio entre universidades espanholas e latino-americanas. Como contrapartida às suas atividades em instituições espanholas, Zampronha trará um professor visitante da Universidade de Valladolid, no segundo semestre, para a sua disciplina no curso de pós-graduação do IA.

BIOLOGIA

Alunos propõem opção anticâncer

Estudo reduz efeitos colaterais de droga antitumoral

Uma pesquisa de Iniciação Científica dos terceiranistas Ana Paula Alves Favareto e Davi Abeid Pontes, do curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), *campus* de Assis, traz esperanças aos pacientes que sofrem com os efeitos colaterais de tratamentos quimioterápicos. O estudo aborda a interação entre o lipossoma dipalmitoil fosfatil colina (DPPC) e o agente antitumoral cisplatina (CPL).

Os estudantes explicam que o lipossoma funciona como uma cápsula que incorpora o agente antitumoral. "A cisplatina continua atuando sobre o tumor, mas di-

minuem os efeitos colaterais", explica Ana Paula. Em experiências realizadas em órgãos reprodutores masculinos de ratos, a droga não provocou efeito colateral, quando incorporada ao DPPC. "O testículo, que antes seria afetado pela cisplatina, ficou com aspecto íntegro, com a preservação da fer-



Pontes e Ana: dois prêmios no ano

tilidade do animal", explica a estudante.

O trabalho, orientado pela professora Isabel Cristina Cherici Camargo, recebeu, no ano passado, duas premiações. A primeira, no VI Congresso Londrinense de Biologia Aplicada à Saúde e a segunda, no XVI Congresso de Iniciação Científica da UNESP.

ARTES

Paisagem renovada

Projeto instala painéis em favela de São Paulo

Vila Prudente, na capital, com painéis criados a partir da colaboração com os moradores. A iniciativa, denominada Interurbana, participou da IV Bienal de Arte e Cultura, promovida pela União Nacional dos Estudantes (UNE), entre 25 de fevereiro e 2 de março, em São Paulo.

Idealizado por terceiranistas de Artes Plásticas, o Interurbana chegou no início de 2004 à Vila Prudente, onde foram criados e expostos os painéis. "Queríamos

estimular os moradores a produzir instalações que retratassem seu dia-a-dia", diz Daniele Francisca Canaes de Carvalho, que coordena o projeto, ao lado de Marcus Vinicius Macarroni e Matheus da Costa Gonçalves.

Os três ensinaram noções de desenho e História da Arte para 12 pessoas, que depois esboçaram cenas do seu cotidiano. O resultado foi colocado em painéis de 3 m de largura por 5 m de comprimento, que foram estendidos na favela.



Macarroni, Daniele e Gonçalves: com arte

Alunos do Instituto de Artes (IA) da UNESP, *campus* de São Paulo, modificaram a paisagem de uma favela da

EVENTOS DE ABRIL/MAIO

- 10/04 – São José do Rio Preto.** Comemoração do 48º Aniversário da Fafi, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: 17-221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br
- 12 a 14/04 – Assis.** Ciclo Internacional de Estudos Antigos e Medievais. Tema central: "Relações de poder, cultura e educação". Na Faculdade de Ciências e Letras. Informações: www.assis.unesp.br/ncam
- 11 a 15/04 – São José do Rio Preto.** Semana Indígena. Informações: 17-221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br
- 13/04 – São José do Rio Preto.** Lançamento do livro *Mitos – Perspectivas e Representações* (Alínea Editora, Campinas), na Coleção Mitologia & Arte, escrito por oito integrantes do GEMAM – Grupo de Estudos sobre os Mitos Antigos e Modernos, com sede no Ibilce/UNESP e coordenado por Maria Celeste Tommasello Ramos. A partir das 19h30. Na Sala da Congregação do Ibilce. Informações: 17-224-8880 ou 225-2138.
- 13 a 16/04 – Bauru.** III Simpósio Brasileiro de Psicologia Política. No Auditório Central de Salas da Faculdade de Ciências. Informações: 14-3103-6087, www.fc.unesp.br/sbpp, sbppbauru@uol.com.br
- 13, 14 e 15/04 – São Paulo.** Oficina de tradução inglês-português com Internet em aula, com Isa Maria Lando. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108, Centro. Informações: 11-3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 13 a 16/04 – Bauru.** III Simpósio Brasileiro de Psicologia Política. Coordenação: Celso Zonta, do Departamento de Psicologia da FC. Informações: 14-3103-6087, 14-3276-3958, 14-9791-2474 e www.fc.unesp.br/sbpp
- 15/04 – Presidente Prudente.** Último dia para inscrição no curso de pós-graduação *latu sensu* Especialização em Gestão Educacional, com início previsto para 16/04. Coordenação: Célia Maria Guimarães (FCT-UNESP). Informações: 18-229-5362.
- 19/04 – São Paulo.** Curso "Programas governamentais de compra de livros", com Wander Soares. Das 19 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108, Centro. Informações: 11-3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 21 a 23/04 – Botucatu.** Curso Sanidade, Produção e Manejo na Criação de Dvinos e Caprinos. Na Casa da Arte da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia. Informações: 14-3811-6270, mgribeiro@fmvz.unesp.br, domingos@fmvz.unesp.br e www.fmvz.unesp.br
- 22 e 23/04 – Jaboticabal.** Curso Transforme à sua fazenda. Palestrantes: José Antônio Fernandes Jr. e André Schiavon Villa Nova. Informações: www.funep.fcav.unesp.br/eventos
- 26, 27 e 28/04 – São Paulo.** Curso "O editor e suas funções: projetos e perfis editoriais", com Miriam Goldfeder. Das 18 h às 21 h. Na Universidade do Livro. Praça da Sé, 108, Centro. Informações: 11-3242-9555 ou universidadedolivro@editora.unesp.br
- 26/04 – Assis.** Início do curso de extensão Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Carga horária: 32 horas. Inscrições: 4 a 15/04. Realização: Laboratório de História e Meio Ambiente do Departamento de História. Apoio: Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História e Ecolante. Informações: labhima@uol.com.br
- 27 a 30/04 – Bauru.** II Encontro de Diretores Técnicos Acadêmicos, com o tema "Em busca de novas alternativas e de ação: desafios para o gestor nos tempos atuais". Informações: www.feb.unesp.br/ricallhei, saepe@feb.unesp.br e saepe@fc.unesp.br
- 28 e 29/04 – Franca.** Palestra sobre Saúde Mental. Promoção CADireito Salão Nobre. Das 19 h às 23 h. Inscrições de 10 a 28/04 no Centro Acadêmico de Direito (CADIR). Na sala 221 da FHDSS. Informações: 16-3711-1876.
- 30/04.** Encerramento do recebimento de resumos para o VI Congresso Latino-Americano Geração e Transporte de Energia Elétrica, a ser realizado de 13 a 17 de novembro, em Mar del Plata (Argentina). Organização: Universidade Nacional de Mar del Plata (Argentina), Universidade Católica de Valparaíso (Chile) e Faculdade de Engenharia da UNESP, campus de Guaratinguetá. Informações: www.feg.unesp.br/clagtee/ ou clagtee@fi.msp.edu.ar
- 5/05 – Guaratinguetá.** Prazo final de inscrição para a 10ª Volta do Campus Universitário de Guaratinguetá - 8.000 metros, a ser realizada dia 15/05. Informações: 12-3123-2801, analu@feg.unesp.br ou passos@feg.unesp.br
- 5/05 – Presidente Prudente.** Prazo final de inscrição para o curso de pós-graduação *latu sensu* (especialização) "Direitos Humanos e Modernidade no Brasil". Coordenador: Jayro Gonçalves Melo (FCT). Informações: 18-229-5362, das 8 h às 11 h e das 13h30 às 17h30, com Dirce Poiato.
- 5 a 7/05 – São José do Rio Preto.** III Simpósio de Biologia Animal. Informações: 17-221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br
- 9 a 13/05 – São José do Rio Preto.** Semana do Curso de Física Biológica. Informações: 17-221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br
- 16 a 20/05 – São José do Rio Preto.** Semana do Curso de Biologia. Informações: 17-221-2456 e saepe@ibilce.unesp.br
- 23 e 24/05 – Araraquara.** III EDIP (Estudos Diacrônicos do Português); Jornada de Filologia, Historiografia, Linguística e Linguística Histórica: em homenagem a Fernão Cardim. Promoção: Departamento de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Convênio de Cooperação Acadêmico-Científica da FCL/UNESP com a Universidade de Évora. No Anfiteatro A. Informações: 16-3301-6233.
- 31/05 – Assis.** Término das inscrições para o Concurso de Contos em Comemoração ao Centenário do Município de Assis. Promoção do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras (FCL). O evento tem como tema "Recortes de Assis em 100 palavras" e está aberto a participantes dos ensinos fundamental, médio e superior, e à comunidade. Coordenação geral: Marco Antonio Domingues Siqueira. Informações: 18-3302-5880.

10ª Volta do campus de Guaratinguetá

No dia 15 de maio, ocorrerá a décima edição da Volta do Campus Universitário de Guaratinguetá, corrida com 8 mil m de percurso. "Este evento já consta do calendário esportivo do município", informa a diretora da Faculdade de Engenharia do campus de Guaratinguetá (FEG), Tânia Cristina Arantes de Azevedo. A corrida é uma promoção da UNESP, em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes e Prefeitura, com a colaboração de empresas da região.



Disputa em 2004: evento tradicional

A Volta da FEG, que é também conhecida, divide-se em faixas etárias, nas categorias masculina e feminina: Infantil, de 12 a 14 anos; Juvenil, de 15 a 17; Aberta, de 18 a 39; Veteranos, de 40 a 45; e Veteranos A, acima de 46. A ficha de inscrição pode ser retirada, até 5 de maio, na FEG, av. Ariberto Pereira da Cunha, 333, ou pelo site www.feg.unesp.br

Erramos

- 1) Na reportagem "Projeto Paisagístico", publicada na pág. 4 do Jornal UNESP n.º 198, o docente Eduardo Luiz Oliveira pertence à Faculdade de Engenharia e não à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações (Faac), conforme publicado. Da mesma forma, a professora Jandira Liria Biscalquini Talamoni pertence à Faculdade de Ciências e não à Faac.
- 2) Na resenha "Língua viva", publicada na pág. 13 do Jornal UNESP n.º 198, informa-se que José Lins do Rego era pernambucano. Na verdade, o escritor nasceu na Paraíba.

SAÚDE PÚBLICA

Referência regional

Centro inaugurado na FM fornecerá vacinas e soros

Os habitantes da região centro-oeste do Estado agora têm uma nova opção para obter vacinas e soros que geralmente não são encontrados na rede pública. Em março, foi inaugurado, no Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina (FM) da UNESP, campus de Botucatu, o Centro de Referência de Imunobiológicos Especiais (Crie).



Centro: tarefa de transferir conhecimento

O Centro também será responsável pela transferência de conhecimento sobre vacinação e imunização para os profissionais de saúde de várias regiões do País, além de espaço de pesquisa e de auxílio na investigação de ocorrências pouco comuns na área imunobiológica. Iniciativa do governo estadual, o primeiro Crie começou a

funcionar em 1993. A unidade instalada de Botucatu é a quinta em território paulista e a terceira no Interior.

Estavam presentes à inauguração o docente da FM e diretor do Centro de Vigilância Epidemiológica da Secretaria Estadual de

Saúde, Carlos Magno Castello Branco Fortaleza; o diretor e vice-diretor da FM, respectivamente, Pasqual Barretti e Joel Spadaro; o vice-prefeito de Botucatu e também docente da UNESP, Valdemar Pereira de Pinho; a diretora regional de Saúde, Fátima Padovan; e a coordenadora do Crie, Karina Pavao Patrício. "Esta unidade do Crie é uma conquista para a população e para a FM", comenta Karina.

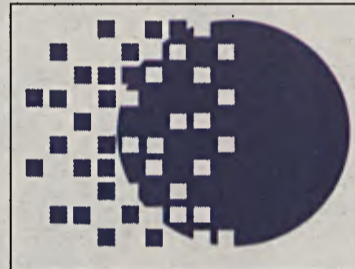
De acordo com Fortaleza, três fatores determinaram a instalação de uma unidade do Centro na UNESP: o funcionamento, dentro da FM, de um Núcleo de Vigilância Epidemiológica; a existência de um núcleo de vacinação com profissionais capacitados; e a localização geográfica do campus.

TECNOLOGIA

Ninho para novos negócios

UNESP vai abrigar incubadora de empresas em Bauru

Um convênio firmado no dia 19 de março, no campus de Bauru, permitirá a instalação da Incubadora de Empresas de Base Tecnológica e Desenvolvimento do Município. Nessa parceria, uniram-se a UNESP, a Prefeitura Municipal, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SP (Sebrae).



Logotipo da incubadora: diálogo

O evento teve a presença da pró-reitora de Pós-Graduação, Marilza Rudge, representando o reitor Marcos Macari; do prefeito Tuga Angerami; do presidente da Fiesp, Paulo Skaf; do diretor-superintendente do Sebrae/SP, José Luiz Ricca; do presidente do Gru-

pequenas empresas. Segundo o chefe do Departamento de Engenharia de Produção, Jair Manfrinato, que também é diretor-adjunto do Ciesp, em dois anos deverá ocorrer a ampliação e a transferência da incubadora para uma área de 5 mil m² cedida pela UNESP.

Segundo o acordo, a Fiesp participa como gestora da incubadora, a UNESP apoiará os parceiros na elaboração de estudos de viabilidade do negócio proposto, o Sebrae entrará com recursos e gestão e a Prefeitura fará parte do Conselho Administrativo, que deliberará sobre políticas e diretrizes. A incubadora só será inaugurada quando houver, pelo menos, uma empresa em funcionamento.

PORTAL UNIVERSIA

Dia de treinamento

Bolsistas recebem capacitação em divulgação científica

Treinamento realizado dia 6 de abril, na Reitoria, em São Paulo, SP, marcou uma nova fase da parceria entre o Portal Universia (www.universia.com.br), projeto que conta com o apoio do Grupo Santander/Banespa, e a Pró-reitoria de Extensão (Proex) da UNESP. Um grupo de 34 bolsistas (um sediado em cada unidade universitária e um na Reitoria) recebeu, numa ação conjunta da Proex com a Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da Universidade, noções básicas de prática e teoria de divulgação científica.



Alunos: ponte entre as unidades e a Reitoria

A pró-reitora da Proex, Maria Amélia Máximo de Araújo, abriu os trabalhos. Em seguida, Mônica Miglio, diretora de conteúdo, e Simone Lettieri, diretora de comunicação e marketing do Portal Universia, expuseram aos bolsistas informações sobre a filosofia e o funcionamento do Portal. Em seguida, Maurício Tuffani, assessor-chefe da ACI, discutiu com os alunos conceitos básicos de divulgação científica.

O reitor Marcos Macari prestigiou o evento, enfatizando a importância do envolvimento dos alunos com a divulgação do que é produzido na

UNESP em termos de ensino, pesquisa e extensão. Os bolsistas, ligados às vice-diretorias de suas unidades, serão responsáveis pelo envio de notícias para a Reitoria, sendo a ponte entre as unidades e a Proex e a ACI em termos de divulgação científica. Caberá à Proex e à ACI derivar esse material para o Portal Universia, o Informativo UNESP/Proex (http://proex.reitoria.unesp.br/informativo) e o Portal UNESP (www.unesp.br).

HISTÓRIA

Mudanças de um símbolo

Estudo mostra como baiana criada por Carmen Miranda personificou América Latina nos EUA

Chamada de *Pequena Notável*, *Embaixatriz do Samba* e, nos EUA, *The Brazilian Bombshell* (algo como “a granada explosiva brasileira”), alusão ao frenesi que causava em suas apresentações, Carmen Miranda (1909-1955) viveu intensamente seus breves 46 anos. Conta-se até que os músicos, quando ela começava a cantar, esqueciam as mãos do maestro e obedeciam apenas ao seu gingado que, associado à sua imortal vestimenta de baiana estilizada, a tornou um símbolo da América Latina.

O entendimento da trajetória dessa estrela que alcançou renome internacional, graças aos filmes realizados em Hollywood e à política de Boa Vizinhança entre os EUA e a América Latina, é o objetivo da tese de doutoramento da historiadora Tânia da Costa Garcia, docente da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) da UNESP, campus de Franca.

Defendida na FFLCH/USP e publicada recentemente no livro *O “it verde e amarelo” de Carmen Miranda* (Annablume Editora e Fapesp; 252 páginas; informações 11-3812-6764), a pesquisa analisa a trajetória da cantora e atriz entre 1930 e 1946. “Foi um período em que se discutia muito no Brasil se o samba era a música que representava a identidade nacional. Além disso, a baiana estilizada criada por Carmen, dentro da atmosfera nacionalista do período, emigra para os EUA, tornando-se, em Hollywood, um símbolo da identidade nacional e latino-americana”, afirma.

Para a docente, o sucesso de Carmen, além dos seus méritos artísticos, esteve diretamente ligado ao momento histórico, marcado pela política externa dos EUA conhecida como da “Boa Vizinhança”. Para promover a unidade pan-americana, garantindo a adesão da América Latina aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, o Departamento de Estado norte-americano do governo Roosevelt criou, em 1940, o Office for the Coordinator of Inter-American Affairs, com o objetivo de coordenar os esforços dos EUA no plano das relações econômicas e culturais com a América Latina. “Conhecido como Birô Interamericano, ele elegeu o cinema como um meio eficaz para promover uma aproximação favorável aos interesses estadunidenses na América Latina”, conta Tânia.

A pesquisa começa com a consagração nacional de Carmen Miranda, após o lançamento da música *Tá hi*, em 1930, mesmo ano em que Getúlio Vargas assume o poder e o País passa por um período de desenvolvimento da radiodifusão comercial, da indústria fonográfica e de incremento da produção do cinema nacional. “Encerro a pesquisa, em 1946, quando Carmen deixa a 20th Century Fox, um ano depois do seu último filme ter sido lançado pela empresa, do fim da Segunda Guerra e do conseqüente arrefecimento da política de Boa Vizinhança



A *Pequena Notável*: exotismo, sucesso nos EUA, causou polêmica entre brasileiros

entre os EUA e a América Latina”, explica a docente.

A pesquisadora verifica como surgiu a roupa de baiana estilizada, com turbante alto, muitos colares e balangandãs coloridos. Ela mesma criou o figurino para cantar a música de Dorival Caymmi *O que é que a baiana tem*, no filme brasileiro *Banana da Terra*, de 1938. Voltou a vestir o traje no Cassino da Urca, chamando a atenção do empresário norte-americano Lee Schubert, que garimpava tipos exóticos para exibi-los em revistas da Broadway. “Assim, a

baiana estilizada emigrou para os EUA, onde a sua vestimenta foi apenas exagerada”, comenta Tânia.

Para estudar como o trabalho de Carmen Miranda do período abordado repercutiu no Brasil, Tânia selecionou duas revistas de circulação nacional: *O Cruzeiro*, de assuntos variados, e *Scena Muda*, especializada em cinema. “Foi possível, assim, acompanhar a trajetória de Carmen e, principalmente, nas cartas dos leitores, os debates sobre a sua atuação nos EUA”, informa.

Tânia analisa ainda os filmes *Alô Alô*

Carnaval (1933), produzido no Brasil pela Cinedia, e cinco dos dez filmes norte-americanos em que Carmen atuou sob contrato da 20th Century Fox: *Serenata tropical* (1940), *Uma noite no Rio* e *Aconteceu em Havana* (ambos de 1941) e *Minha secretária brasileira* e *Entre a loira e a morena* (de 1942), que tem a célebre cena em que ela canta *The lady of tutti frutti hat*, em que o seu turbante se transforma numa torrente de bananas, numa coreografia assinada por Busby Berkeley.

A análise inclui as personagens encenadas pela atriz e a estrutura das comédias musicais de que ela participou. “Carmen não representava o Brasil, mas a América Latina. Usava as suas indumentárias extravagantes e os nomes de Carmen, Rosita ou Chiquita, que indicavam a origem latino-americana, no Rio de Janeiro, Havana ou Buenos Aires”, aponta Tânia. “De fato, aos olhos de Hollywood, o Brasil e os demais países da América Latina se confundiam, subordinados aos interesses maiores da política externa norte-americana.”

Ao estudar as personagens vividas por Carmen no cinema norte-americano, Tânia concluiu que elas eram criaturas movidas por instintos e paixões, extremamente ciumentas, sem controle das emoções, capazes de morder o parceiro, atirar coisas nele, gritar e xingar. “O temperamento impulsivo, a agressividade, a sexualidade exagerada e a pouca cultura manifestada pelas personagens interpretadas pela *Pequena Notável* propagavam ao mundo a imagem de um povo primitivo vivendo na selvagem América Latina.”

A pesquisa aponta que, quando vai para Hollywood, a imagem de Carmen, em termos cinematográficos, encontra-se associada a revistas carnavalescas, gênero que recebia comentários cada vez mais desabonadores por parte daqueles que insistiam no cinema como forma de educar e propagar uma imagem civilizada do Brasil. “Muitos viam com ressalvas a exaltação do batuque e do remelexo dos quadris”, aponta Tânia. “Embora as teorias raciais do século XIX estivessem superadas na década de 1930, no imaginário nacional permanecia um forte preconceito, que associava os traços da cultura negra, presente no espaço urbano, ao atraso da nação.”

A exótica baiana agradou aos norte-americanos, mas despertou polêmica entre os brasileiros. Tânia detectou a decepção dos fãs com os papéis interpretados pela atriz e com a escolha das músicas que ela cantava. “As personagens não espelhavam as expectativas do público brasileiro. De fato, era impossível identificar-se com aquela mulher sempre vestida de forma bizarra, como se sempre fosse carnavalesca, que grunhia, arranhava e mordida. Eles esperavam ver na tela uma sambista que de fato representasse a nação brasileira, mas a *Embaixatriz do Samba* cantava em inglês – e com jeito de rumba”, conclui.

Oscar D’Ambrosio



Cena do filme *Entre a loira e a morena*, de 1942: turbante de Carmen se transforma em torrente de bananas

Acervo Museu Carmen Miranda/Agência Estado

Repr. Lução